



(Texto com revisão.)

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Declaro aberta a 20ª Reunião da Comissão de Assuntos Econômicos, em conjunto com a 17ª Reunião da Comissão de Serviços da Comissão de Infraestrutura.

Pauta: Audiência pública.

Assunto. Finalidade: Debater a política de investimento, desenvolvimento e fomento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social e debater os modelos, os instrumentos, as fontes de financiamento, inclusive as não convencionais para a infraestrutura, dentro da visão do setor público e da iniciativa privada.

Requerimentos de realização de audiência: Requerimento nº 4/2013, do Senador Eduardo Suplicy e outros; Requerimento nº 2/2013 do Senador Armando Monteiro e outros; Requerimento nº 18/2013, da Senadora Ana Amélia e outros; Requerimento nº 25/2013, do Senador Lindbergh Farias; Requerimento nº 18/2013, do Senador José Pimentel.

Convidado: Sr. Luciano Coutinho, Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

O convidado já se encontra à Mesa, no plenário da Comissão. De acordo com o art. 99, §§ 2º e 3º, do Regimento Interno do Senado Federal, a Presidência adotará as seguintes normas: o convidado fará exposição pelo tempo que for conveniente, e, em seguida, abriremos a fase de interpelação pelos Senadores e Senadoras inscritos.

Eu peço a esta Secretaria que avise – há várias Comissões funcionando em conjunto na quarta-feira, Presidente Luciano Coutinho. E vários Senadores pediram para anunciar quando fosse iniciar essa reunião. Peço, então, à Secretaria que reforce o aviso aos membros desta Comissão que estão participando de outras Comissões. Estão acontecendo agora a reunião da Comissão de Assuntos Sociais e outras, da Comissão de Constituição e Justiça e da Comissão de Infraestrutura.

Com a palavra, o Sr. Luciano Coutinho, Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Passo a palavra diretamente ao Presidente Luciano Coutinho.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Exmº Senador Lindbergh, meus caríssimos Senadores Cristovam, Pimentel e Delcídio, senhores profissionais da imprensa aqui presentes, é uma grande satisfação estar presente mais uma vez à Comissão de Assuntos do Senado e à Comissão de Infraestrutura. Sempre que convidado, tenho comparecido com muita satisfação e sempre o farei, quando convidado a esta Comissão.

Farei uma breve exposição do desempenho...



O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Presidente, peço licença para pedir à Secretaria para aumentar o volume do áudio.

Obrigado.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Devo falar mais alto? (*Pausa.*)

Bom, eu gostaria de, outra vez, saudar os Senadores e os profissionais de imprensa aqui presentes e dizer da minha satisfação e alegria em participar mais uma vez de uma reunião da Comissão de Assuntos Econômicos e da Comissão de Infraestrutura do Senado Federal. E reitero o meu compromisso de aqui sempre comparecer quando convidado, o que tem sido em meu mandato como Presidente do Banco uma constante. Sempre tenho participado aqui quando convidado.

Farei aqui uma exposição abrangente sobre o desempenho do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, com ênfase também na questão de infraestrutura, uma vez que reunimos aqui as duas Comissões.

Quero saudar o Senador Dornelles. (*Pausa.*)

E dou início à minha exposição.

Farei de início uma rápida lembrança do BNDES em sua configuração atual, o desempenho recente, uma avaliação de efetividade de suas políticas e uma discussão de perspectivas futuras de infraestrutura e de financiamento de longo prazo, temas essenciais para o desenvolvimento da economia brasileira.

O BNDES está organizado neste momento como um banco público, que pertence 100% à União Federal. Ele está vinculado institucionalmente ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. A instituição tem em sua estrutura três subsidiárias integrais: a BNDES Participações, que funciona como um banco de investimento – e eu explicarei com mais detalhes o funcionamento do BNDESPar –; a Finame, a empresa que operacionaliza toda a comercialização de equipamentos, máquinas, bens de capital por meio do sistema bancário, em todo País; e o BNDES Limited, que é um braço internacional do BNDES, sediado em Londres, que está em processo de desenvolvimento e estruturação.

O Banco tem sete diretorias e uma Vice-Presidência. As diretorias têm as suas atribuições distribuídas desta forma: A Diretoria 1 tem a missão de coordenar a infraestrutura. Eu não sei se temos um sinalizador eletrônico. Temos aqui, na Diretoria 1, infraestrutura. É uma diretoria que, embora tenha duas áreas, tem áreas muito importantes pelo peso dos projetos. E há uma iniciativa nova de reforçar, por orientação do Governo, a presença e a participação da diretoria internacional em relação ao fomento e ao apoio da América Latina e da África.

Este quadro, na verdade, mostra a distribuição de tarefas e a amplitude e a relevância da atuação do Banco.



Eu quero também sublinhar que temos desenvolvido uma atuação muito forte em relação ao setor agropecuário brasileiro, em relação à agricultura brasileira, dedicando uma diretoria com foco importante no desenvolvimento da agricultura, do agronegócio brasileiro.

São pontos, digamos, de relevo, que se somam ao papel tradicional do BNDES de apoiar o desenvolvimento da indústria, dos serviços, da infraestrutura no País.

A missão do Banco, consignada em seu planejamento estratégico, está aqui exposta: é a de ser uma instituição que promove o desenvolvimento sustentável e competitivo da economia, gerando empregos e contribuindo para reduzir as desigualdades regionais. É uma instituição fundada em quatro valores essenciais: ética, espírito público, excelência profissional e compromisso com o desenvolvimento do Brasil. Esses valores fundamentais têm sido objeto de um trabalho intenso de discussão, num momento em que o Banco tem uma transição de gerações. Hoje quase 2/3 do quadro técnico do Banco são muito novos e muito jovens, porque os fundadores do BNDS já estão em fase de aposentadoria. Então, essa revisita aos valores essenciais da instituição tem um particular relevo neste momento.

O planejamento estratégico do banco está estruturado. Há cinco anos consecutivamente, ele se transformou em uma ferramenta operacionalmente muito útil. E, na sua versão recém-aprovada pelo Conselho de Administração, tem como grandes diretrizes a expansão do revestimento em infraestrutura, o fortalecimento da competitividade das empresas do sistema empresarial brasileiro, a contribuição ao processo de inclusão produtiva e social, com inovação e sustentabilidade ambiental e descentralização, apoio ao desenvolvimento regional.

Do ponto de vista de sua estrutura financeira, as diretrizes principais são: diversificar os instrumentos e ferramentas financeiras; manter e fortalecer a estrutura patrimonial; e aperfeiçoar a gestão de riscos e retornos da instituição, mais eficiência na obtenção de resultados.

Em termos de processos internos, temos um conjunto de iniciativas de aumento da eficiência e redução de prazos na aprovação de projetos. Estamos concluindo um processo de integração da plataforma de tecnologia de informação do Banco para torná-lo ainda mais eficiente. E queremos também aperfeiçoar os nossos processos de interlocução e prestação de contas à sociedade, daí porque agradeço, Senador, mais uma vez a oportunidade de estar aqui na CAE, no sentido de tornar o Banco ainda mais transparente e mais – Senador Armando Monteiro, meus cumprimentos –, e mais aberto ao diálogo com várias dimensões da sociedade brasileira. E, internamente, desenvolver as competências e aperfeiçoar ainda mais a invejável capacidade profissional da instituição.

O Banco continua sendo o maior provedor de crédito de longo prazo para o Brasil. Dois terços do crédito de longo prazo para o Brasil são diretamente associados ao BNDS. Ele tem um *funding* estável em boa medida providenciado



pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador, 2800 empregados. E é um Banco que funciona com várias modalidades: a operação direta, que representa a metade; e a operação indireta, por meio da rede bancária, a outra metade.

É um Banco que tem, no passado recente, mostrado um notável aumento das suas operações para micro e pequenas empresas. E eu vou abordar esse ponto.

Temos também buscado ampliar o apoio à exportação brasileira, especialmente na modalidade pós-embarque, exportação de equipamentos e bens de capital. É um Banco que está se preparando para aperfeiçoar a técnica de *project finance* pela necessidade de infraestrutura. É um Banco que tem dentro de si uma subsidiária de investimento, que é a BNDESPar, sobre a qual eu vou também discorrer. E também fundos não reembolsáveis importantes, de apoio à cultura – o BNDES é o maior apoiador de patrimônio histórico e acervos culturais no Brasil –; ao programa de redução de pobreza extrema, com foco nas regiões, mais pobres de baixo IDH; ao Fundo Social, por meio do apoio à inclusão produtiva; e à inovação tecnológica. São essas as principais linhas.

A nossa estrutura de capital, de *funding* está aqui detalhada. A origem dos nossos recursos é: Tesouro, FAT, retorno dos nossos investimentos, captações no exterior, emissão de debêntures. Ainda temos um pedaço de PIS/PASEP.

O Banco tem, nós últimos anos, ampliado – e não só o BNDES, mas as outras instituições financeiras federais –, mas o BNDES tem tido um desempenho relevante. O volume de ativos do Banco fechou o ano de 2012 totalizando R\$715 bilhões na carteira total de ativos de estoque de empréstimos concedidos mais o estoque de operações de mercado capitais, se credenciando como uma das grandes instituições de desenvolvimento no mundo.

Tem sido uma instituição lucrativa. Nos últimos anos, um lucro em torno de R\$8,7 bilhões/ano. Tem sido uma instituição lucrativa nos últimos anos. Tem contribuído, revertendo esse lucro para a União, para a sociedade brasileira, remunerando o seu acionista, o Tesouro Nacional.

É um Banco que tem uma excelente carteira de crédito, que se compara de forma muito favorável ao restante do sistema financeiro. A carteira de crédito compreendida entre níveis duplo A e C. Portanto, a carteira de crédito de boa qualidade fechou 2012 no sistema BNDES representante 99,1% da carteira, percentual bastante superior à média do Sistema Financeiro Nacional, de 92,4%, e bastante superior à média das instituições financeiras privadas, de 90,5%. E apresenta percentual também superior às outras instituições financeiras públicas.

A participação de créditos com *rating* degradado é muito mais baixa em relação ao sistema financeiro, mostrando a excelência, o cuidado da gestão dos recursos por parte do quadro técnico da instituição e também ressaltando a qualidade dos filtros de controle na concessão de crédito na instituição.



Como eu disse, a instituição funciona diretamente. O BNDES contrata diretamente com as grandes empresas. Operações abaixo de R\$20 milhões são feitas pelo Sistema Financeiro. Não é. O BNDES tem um quadro de funcionários relativamente restrito e não teria a capacidade, salvo se multiplicássemos de maneira extraordinária o número de funcionários, de realizar o volume de operações sem delegar uma parcela relevante das operações de menor porte ao sistema de crédito privado e ao sistema de crédito público, aos bancos públicos, com que o BNDES mantém uma estreita parceria operacional.

Como eu disse, o processo de concessão de crédito no banco passa por um conjunto de análises e de comitês – são comitês representativos de todas as áreas, especialmente o comitê de crédito, o comitê de enquadramento. Então, aqui, são equipes distintas que analisam a pertinência do enquadramento ou o enquadramento e a concessão de crédito, a análise do projeto à diretoria. São equipes distintas, e isso providencia um conjunto de filtros que asseguram a alta qualidade no processo de concessão de crédito na instituição.

Quero falar um pouco agora do desempenho histórico recente da instituição em termos...

Aqui, nós temos na barra azul o volume de aprovações ao fim de cada ano.

No fim do ano passado, concluímos em valores nominais um estoque de projetos aprovados na escala de R\$260 bilhões, superando o pico que havia sido alcançado em 2010.

Se nós olharmos aqui em valores constantes em moedas de 2012, para que seja uma comparação mais economicamente correta, nós vemos que estamos comparando um estoque de projetos aprovados muito fortes, depois de uma ligeira redução em 2011 em função do desaquecimento da economia.

No segundo semestre do ano passado, houve uma firme recuperação de consultas e de aprovações de projeto, o que já começa a se manifestar em 2013 com uma aceleração do financiamento aos investimentos, apontando para uma recuperação da economia brasileira e dos investimentos, sobre o que eu me deterei com maior profundidade logo a seguir.

Começamos com a infraestrutura, que é um dos endereços aqui, já que a reunião da Comissão de Infraestrutura tem acontecido aqui na audiência conjunta.

Aqui estão às operações diretas do BNDES – não incluem as operações indiretas; aqui são as operações diretas.

Nós vemos que as operações diretas... E aqui nós temos as energias na base – hidroeletricidade, energias renováveis, distribuição e transmissão. Nós vemos aqui um crescimento dos desembolsos e dos investimentos em energia, e eu quero assegurar aos senhores que, em 2013, nós teremos outro aumento dos desembolsos para as diferentes formas de energia.



Há também, e já o iniciamos, um processo de aumento dos investimentos em infraestruturas logísticas – ferrovias, rodovias, portos e aeroportos. Estão aqui na parte superior da barra e já mostram, em 2012, um processo de expansão. Nós esperamos, em 2013, já mostrar um outro avanço e fecharmos o ano de 2012 com quase R\$25 bilhões desembolsados para infraestrutura. A nossa expectativa é a de que, em 2013, alcancemos R\$30 bilhões de desembolsos diretos para infraestrutura e, em 2014, algo em torno de R\$34 bilhões, por enquanto. A tendência é a de que esses números cresçam, porque a expectativa é a de que os leilões de concessão ao setor privado das infraestruturas rodoviárias, portuárias, aeroportuárias e de ferrovias possam mobilizar o investidor privado para uma onda robusta e duradoura de investimentos em logística, extremamente necessários para ampliar a eficiência da economia brasileira e trazer ganhos sistêmicos de produtividade para o País.

Então, a trajetória dos investimentos e dos financiamentos em infraestrutura será certamente crescente. E a nossa carteira de consultas, hoje, já aponta para dois saltos consecutivos nos próximos dois anos, sendo provável que, especialmente em 2014 e 2015, esse processo de impulso ascendente se mantenha.

O banco, como uma grande ferramenta do Governo Federal para seus programas, mostra a sua aderência e alinhamento ao plano Brasil Maior, apoiando o desenvolvimento da indústria brasileira e apoiando o conjunto de setores importantes, como mecânica, bens de capital – está aqui a barra vermelha –, sistemas intensivos em trabalho, indústrias intensivas em trabalho, indústrias intensivas em escala, sendo basicamente aqui os insumos básicos –, siderurgia, química, petroquímica –, insumos da construção civil, os sistemas de agronegócio e os sistemas de serviços incluindo comércio e logística, que têm também crescido.

Olhando o desembolso por setores de atividade, eu quero sublinhar que o volume cresceu. Aqui está a distribuição. O volume cresceu. Na distribuição, são relevantes o aumento de comércio e serviços, uma redução relativa da indústria e uma manutenção de infraestrutura e de agricultura.

De fato, a economia brasileira, nos últimos anos, tem mostrado um crescimento forte em serviços. Os serviços têm sido grandes geradores de emprego. E temos diante de nós uma agenda de recuperação da competitividade da indústria brasileira, que é uma agenda muito cara ao País. O banco reflete esses processos em curso na nossa sociedade.

Eu queria aqui saudar alguns Senadores que chegaram após a minha fala e que eu não pude saudar. Eu queria rapidamente saudar as Senadoras presentes: Senadora Kátia, Senadora Vanessa.

Quero sublinhar agora o desempenho do banco em relação às pequenas e microempresas. O banco, através de vários instrumentos, desembolsou, no ano passado, R\$50 bilhões para micro, pequenas e médias



empresas, mantendo um desempenho que nos orgulha muito, com um crescimento muito expressivo do volume de operações: quase um milhão de operações de crédito para empresas de pequeno porte, beneficiando 260 mil pequenas empresas.

Quais são as ferramentas?

Primeiro, o Programa de Sustentação do Investimento, um programa federal importante que oferece um crédito com taxas muito reduzidas, taxas equalizadas, para comercialização de máquinas e equipamentos, através das linhas tradicionais, Finame, via rede bancária. Essas linhas têm uma característica importante. Elas são acessíveis a todas as empresas do País e têm propiciado uma verdadeira renovação da base de equipamentos da pequena empresa brasileira, necessária ao aumento de ganhos de produtividade. Chegam também ao pequeno agronegócio, porque o financiamento a máquinas agrícolas através da linha PSI ganhou grande expressão nos últimos dois anos. Então, dois terços do PSI têm-se endereçado a pequenas empresas. Por isso, o mérito desse programa. Esse é um programa que beneficia pequenas, médias e grandes, mas ele está aberto e as pequenas empresas têm tido um acesso muito importante ao PSI, tanto que o PSI, em 2012, realizou R\$25 bilhões para pequenas empresas.

Outra ferramenta muito importante é o cartão BNDES, sobre o qual vou falar que, no ano passado, desembolsou R\$9,5 bilhões.

Há outro programa muito relevante que é Progeren, que é um programa de capital de giro repassado através da rede bancária, com a liderança importante do Banco do Brasil, que repassou R\$5,3 bilhões para pequenas empresas.

Além do que eu já mencionei, há os programas agrícolas, que também estão embutidos aqui e, em parte, no PSI.

Sobre o cartão BNDES. Nós temos hoje 574 mil cartões emitidos e esperamos continuar aumentando o número de cartões emitidos, na medida em que novos bancos vêm aderindo à utilização do cartão BNDES. Desde a sua existência, o cartão já repassou às pequenas empresas R\$32,4 bilhões. Eu quero sublinhar que a operação média do cartão BNDES é uma operação típica de R\$14 mil. Então, nós estamos...

A SRª VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco/PCdoB – AM.) – Quando foi criado o cartão?

O SR. LUCIANO COUTINHO – O cartão foi criado em 2005. Na verdade, ele só ganhou impulso a partir de 2007. E, nos últimos quatro anos, concentra-se a maior parte desse desempenho.

Como eu dizia, a operação média é uma operação de R\$14 mil. Nós estamos falando de uma operação de uma pequena empresa. Eles estão fazendo um pequeno saque, para investir, usar capital de giro, comprar matéria-prima, treinar seus trabalhadores.



Agora, de janeiro a fevereiro, desembolsamos R\$1,4 bilhão. Incluindo o mês de março, nós estamos em cerca de R\$2,3 bilhões. Então, temos 216 mil produtos cadastrados por 48 mil fornecedores. Temos buscado ampliar o número de fornecedores locais e regionais, para que o cartão, quando usado no Nordeste, compre no Nordeste; e, quando usado no Norte, possa comprar de fornecedores na região.

O cartão hoje já abrange quase todo o Território nacional, estando presente em 96,4% do Território nacional. Nosso objetivo é chegar a 100%.

Veja, Senadora, que, em 2005, quando foi criado, ele era pequenininho. Desde 2007, ele ganhou um grande impulso.

O cartão tem sido uma ferramenta muito importante, em que o BNDES, que não dispõe de uma rede de varejo, utilizou da tecnologia de informação como forma de chegar à pequena empresa. É um orgulho muito grande que temos.

Quero sublinhar outros aspectos importantes, que são compromissos nossos, como o nosso compromisso com a sustentabilidade ambiental e com a eficiência energética. Temos buscado apoiar energias renováveis e eficiência energética. Estamos comprometidos em aumentar essa participação.

Estamos fortemente comprometidos com o processo de apoio à inovação tecnológica, especialmente a pesquisa e o desenvolvimento nas empresas brasileiras. No ano passado, desembolsamos R\$2,2 bilhões para inovação tecnológica. Neste ano, pretendemos ultrapassar R\$3,3 bilhões em inovação tecnológica.

Temos mantido o nosso compromisso com a distribuição regional dos créditos do BNDES. Em 2012, nós mantivemos, para as duas regiões mais pobres do Brasil, a Região Norte e a Região Nordeste, cuja renda *per capita* está bem abaixo da renda nacional, 22% do nosso desembolso. Temos lutado muito, especialmente, para nos manter em linha com o compromisso que assumi com a Bancada nordestina, há quatro anos, de pelo menos desembolsar no Nordeste a participação que o Nordeste tem no PIB. Nós temos lutado para manter e queremos ultrapassar isso na medida em que a região se desenvolva. Esse processo tem sido feito e tem sido feito num contexto em que o conjunto está crescendo, o bolo está crescendo.

Então, é um desafio que nós temos sido capazes de honrar. Também me dá muita satisfação, até como nordestino, ter conseguido cumprir esse compromisso assumido com a nossa Bancada.

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Presidente, pela ordem.

Presidente Luciano Coutinho, eu gostaria de saber, com essa divisão regional, quantas empresas foram atendidas e qual o volume de recursos para cada uma delas, por favor, se houver condições de aqui apresentar.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Teríamos, sim.



A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Com relação à agroindústria, eu gostaria de ver a divisão entre grandes, pequenas e médias, os volumes que estão sendo financiados e quantas empresas foram beneficiadas, por favor – se há aqui, nas telas.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Senadora, eu não tenho esse número disponível para tela, mas eu pedirei à minha equipe aqui que providencie, para que possamos lhe dar essa informação ainda no decorrer desta reunião. São informações mais detalhadas.

O que eu posso lhe dizer é que a Região Centro-Oeste tem tido um expressivo crescimento em função do excelente desempenho da nossa safra. Nesse trimestre, ela liderou o crescimento.

Eu vou pedir para abrir o número de empresas e a distribuição por...

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Das regiões.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Por tamanho. Está certo.

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Por região.

O SR. LUCIANO COUTINHO – E por região.

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Porque a minha é a Região Norte.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Vamos pedir esse dado.

Por exemplo, por dados que eu recorro de cabeça, Senadora, em várias regiões mais pobres do País – o Norte, o Nordeste e o Centro-Oeste –, tem ocorrido um processo de aumento da bancarização e aumento do acesso das pequenas empresas ao crédito. E o cartão BNDES tem sido uma ferramenta muito importante para atender às micro e pequenas empresas. E o PSI, de outro lado, tem sido um programa muito relevante para chegar às pequenas empresas que querem comprar equipamento isoladamente. Então, eu tenho certeza de que nós temos números satisfatórios de melhoria do desempenho para pequenas empresas.

Eu quero lembrar o seguinte: no BNDES, se nós tirarmos infraestrutura, com exceção de pequenas centrais hidrelétricas, infraestrutura, estruturalmente, é de grande empresa. É uma ilusão achar que há infraestrutura com pequena empresa. É grande empresa.

Exportação. Infelizmente, no Brasil – é um dado estrutural do Brasil; não é do BNDES –, 96% das exportações estão concentrados em grandes empresas. Então, se eu tiro dos dados do BNDES a exportação, a infraestrutura e também a indústria de base, que é grande empresa por essência, e eu faço para o resto o quanto foi de crédito à pequena *versus* grande, a participação da pequena é ainda mais expressiva, graças a essas ferramentas.

Então, se nós fizermos uma avaliação inteligente, separando o BNDES, em função do peso que a infraestrutura precisa agregar ao País e das indústrias de capital intensivo, ele nunca poderá deixar de ser um banco para grandes empresas. Seria ilógico. Mas isso não nos absolve da missão de buscar



chegar à pequena empresa – e nós temos nos empenhado muito nessa direção – e buscar chegar à agricultura.

Nós temos reforçado e dedicado uma diretoria aos agronegócios. Estamos num processo agora de revisão e de reforço. Quando eu apresentei aqui a estrutura do banco, eu sublinhei dois avanços importantes que estamos fazendo no presente: o reforço à atuação do banco na América Latina e na África, inclusive, por meio da exportação; e o reforço às operações e à estrutura de operação junto ao setor agropecuário.

Aqui, a exportação de bens e serviços. Desculpe. A exportação pós-embarque, mostrando o desempenho acumulado. O BNDES é o principal. Aqui, essa queda é do período de crise, em 2009, e o BNDES tem sido o principal suporte à exportação de bens de capital no País.

Há um destaque importante à exportação de aeronaves. Até 2008, a Embraer financiava a grande maioria das suas exportações por meio do mercado, porque o mercado estava funcionando. A crise bancária, infelizmente, encurtou, durante um período, o crédito de longo prazo de fontes privadas no mundo. Retomou um pouco, mas não voltou à elasticidade e à facilidade que existiam antes da crise de 2008.

Então, hoje, nós temos apoiado e diversificado operações de exportação de aeronaves, e esperamos, no futuro, que o banco possa, na medida em que o Brasil desenvolva uma indústria naval e de *offshore* competente, competitiva, e desenvolva outros setores de bens de capital mais competitivos, continuar suportando a exportação de bens de capital, porque o BNDES também tem o papel de agência de crédito à exportação dentro do seu processo.

Aqui, são alguns exemplos de apoio à exportação de projetos, na América Latina e na África, em que é mais incipiente e tem começado a ganhar corpo. Temos uma atuação na América Latina e no Caribe. Essa operação vem crescendo. Há uma carteira conjunta, e essa carteira conjunta de projetos de consultas soma cerca de US\$23 bilhões, US\$24 bilhões. É uma carteira importante de projetos.

E eu quero sublinhar que esse apoio à exportação, de nossa parte, sempre envolve a criação de empregos no Brasil. Nós estamos apoiando a geração de exportação de bens e serviços brasileiros, para a concretização de projetos no exterior. Uma vez que o *funding* do BNDES é um *funding* que vem do FAT e vem do nosso Tesouro, nós temos obrigação de gerar empregos no País.

Muitas vezes isso é criticado, como se o BNDES estivesse apoiando iniciativas no exterior, sem nenhum ganho para o País. Não é verdade. Essas iniciativas produzem um grande ganho e mobilizam, inclusive, um grande número de pequenas empresas que fornecem para as grandes cadeias fornecedoras. A exportadora, em geral, é grande empresa, mas ela tem aqui...

E é importante a demanda que tem crescido, a partir da África. A África é um continente de grandes oportunidades, e o Governo brasileiro e o



Banco têm recebido crescentemente demanda de financiamento de projetos. E, em função da competitividade das nossas empresas, nós temos vencido concorrências e temos ganhado oportunidades de exportação, o que nos incumbe, portanto, de priorizar e tornar a nossa estrutura mais forte para dar apoio a essa política de interesse nacional.

Quero falar agora sobre o volume de operações no ano passado. No ano passado, nós realizamos R\$156 bilhões de operações. Essas operações foram assim distribuídas: 63% para grandes empresas; 32% para micro, pequenas e médias empresas; 5% para médias grandes. Sendo que, em número de operações, quase 1.990.000 operações, arredondando, 96% do número das operações, foram para micro, pequenas e médias empresas, um volume pequeno.

Isso reflete aquilo que eu explicava. Os grandes projetos de indústria de base e infraestrutura, naturalmente, são grandes, são muito grandes. Então, isso é natural em economia. O que eu quero dizer é que esse percentual, historicamente, é um percentual muito alto. Esse percentual sempre esteve em torno de 15% a 18%. Nós conseguimos dobrar e manter esse percentual, e estamos trabalhando para sustentar esse percentual nos próximos anos. Considero um grande feito ter conseguido ampliar esse potencial.

Quero mostrar aqui o desempenho nos últimos 12 meses, concluídos em março. Na verdade, temos o fechamento de abril. O fechamento de abril mostra também um impulso grande. Concluindo em março, nós estamos num processo de aceleração do investimento e do financiamento ao investimento. Os desembolsos do BNDES cresceram, nos 12 meses, até março de 2013, comparando com os 12 meses anteriores, 22%. Mas o que eu quero sublinhar é que o volume de aprovação de novos projetos, enquadramentos e consultas é um volume muito forte e muito indicativo da recuperação do investimento na economia.

Tínhamos, portanto, em março, 31 de março, um estoque de consulta de R\$300 bilhões, enquadramentos de R\$290 bilhões, e eu quero dizer que em torno de 80% desse enquadramento viram de fato aprovação, e temos um estoque de projeto aprovado de R\$270 bilhões. Quer dizer, é um estoque que nos assegura, quase que no ano de 2013, um desempenho muito forte, neste ano de 2013.

Se olharmos o primeiro trimestre em termos de desempenho regional, era aquilo que eu explicitava para a Senadora Kátia, que infelizmente não está aqui agora. Por exemplo, no primeiro trimestre, houve um forte crescimento de desembolso para a Região Centro-Oeste, e isso claramente tem a ver com o desempenho muito favorável da agricultura no Centro-Oeste nesse período. Mas mantivemos o forte desempenho em relação às outras regiões, com crescimento expressivo, e mantivemos o peso, por exemplo, das regiões menos desenvolvidas.



Outra vez, o desempenho de micro e pequenas empresas no trimestre tem-se mantido como muito positivo. Eu não vou detalhar – estamos nos referindo ao primeiro trimestre do ano, para micro e pequenas empresas. E aqui também, em relação ao programa PSI e ao programa Progeren. Esses programas mostram uma manutenção, no primeiro trimestre do ano, do bom desempenho obtido ao longo de 2012 para o capital de giro a pequenas empresas e para o financiamento de máquinas e equipamentos a pequenas empresas.

A abertura desses desembolsos mostra um desembolso expressivo, no trimestre, para a indústria, uma recuperação do desembolso para a indústria, um desembolso forte para a infraestrutura, distribuído nas diversas modalidades de infraestrutura, um desembolso forte para a indústria, um desembolso muito forte para a agropecuária – outra vez aqui nós vamos depois providenciar para a Senadora a abertura desses dados por tamanho de empresa, mas mostra que o crescimento foi expressivo;– e também desembolsos importantes para os Estados da Federação, dentro dos programas de apoio aos Estados e do programa Proinvest.

Se nós olharmos para o setor demandante, olhando a venda de máquinas, na Finame, PSI por setor demandante, nós vamos ver um indicativo de reativação do investimento a partir de várias áreas. Primeiro, da infraestrutura de transporte comprando caminhões e máquinas, da própria indústria de transformação, que eu vou mostrar na próxima página, comércio e serviços, e agropecuária.

Na agropecuária, há aqui uma ampliação forte da venda de tratores e máquinas agrícolas, uma venda importante de caminhões e bens de capital para setores de comércio e serviços e setores de infraestrutura de transportes.

Olhando a indústria de transformação, nós vemos que a venda de bens de capital para fins industriais mostrou, no primeiro trimestre, um número bastante expressivo e distribuído entre várias indústrias. Há bens de capital de uso misto, caminhões e ônibus, mas há um volume expressivo de bens de capital que nos motiva a vislumbrar uma recuperação do investimento, que eu vou mostrar mais adiante com outros gráficos.

Uma palavra muito rápida aqui sobre a comparação do BNDES com outras instituições no mundo. Esses dados são de 2011. Eu vou encurtar aqui. Esse é um dado importante e mostra o seguinte: em total de ativos, o maior banco de desenvolvimento do mundo é o China Development Bank. O segundo maior banco de investimento do mundo é KFW alemão.

Aliás, a Alemanha tem um conjunto de bancos de desenvolvimento invejável, porque tem o banco de desenvolvimento federal e tem os bancos de desenvolvimento estaduais. É um sistema de bancos de desenvolvimento espetacular na Alemanha. KFW...

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. LUCIANO COUTINHO – Nós já tivemos, no passado.



Bom, nós vemos aqui, pelo total de ativos que o KFW tem e pela carteira de crédito, que é superior. Aqui está em dólares. A de 2011 é superior, embora o BNDES, nos últimos anos, tenha uma taxa de crescimento mais alta, e o nosso desembolso anual seja maior que o do KFW e parelho com o banco chinês, em termos de desembolso, mas em termos de tamanho, estoque, nós estamos crescendo, somos uma instituição relevante, mas é preciso ter noção.

Nós somos, porém, uma instituição muito eficiente. Ela não é a maior, mas ela é a mais lucrativa, há um retorno sobre ativos, e a que tem uma inadimplência muito baixa – fechamos o ano passado com uma inadimplência de 0,14%. E temos uma eficiência por número de funcionários. Claro que o número de funcionários é proporcional ao tamanho do banco, mas nós somos uma instituição enxuta. Em termos de número de funcionários, é uma instituição eficiente.

O KDB é o Korea Development Bank. É uma instituição importante. Aqui, estamos pelos quatro mais importantes.

Um outro ponto de comparação: a carteira de crédito total sobre PIB dos bancos. E nós vemos aqui que a carteira do BNDES é parelha ou um pouco abaixo da carteira que é a barra azul, a carteira sobre PIB. Quando comparamos a carteira do BNDES sobre a carteira de crédito total do País, nós vemos que o BNDES tem um peso relativo mais alto do que os outros. Mas eu costumo dizer: não é que o BNDES seja grande, mas o crédito de longo prazo de fontes privadas no Brasil é pequeno, quando comparado com outras economias.

Por exemplo, o sistema de crédito na China, por vários outros bancos, é muito... A China tem 200% de crédito sobre PIB. O Brasil tem 50%. A Alemanha tem 150% de crédito sobre PIB – a gente tem 50%. Então, esses países têm um volume de crédito muito mais alto.

Então, o BNDES aparece como sendo o maior, mas, em termos relativos, ele é um banco grande, relevante – nós devemos tomar em conta as suas devidas proporções. Ele é uma ferramenta importante. E a nossa agenda aqui é de fazer crescer o crédito privado. Essa que é a nossa agenda positiva, sobre a qual eu quero falar um pouco mais.

Eu vou falar rapidamente sobre a BNDESPar. A BNDESPar é uma empresa promotora do desenvolvimento do mercado de capitais, das boas práticas de governança. Ela foi pioneira na criação de fundos de *venture capital* e *private equity* no Brasil. Ela é pioneira em produtos novos, índices de carbono eficiente, no mercado de capitais, a criação de produtos que ampliaram o mercado de capitais. Ela é uma fortalecedora da boa governança com estímulo ao novo mercado, e o estímulo das pequenas empresas ao mercado de capitais. E, mais recentemente, a nossa grande prioridade é apoiar o mercado de títulos privados de longo prazo, em parceria com o BNDES, para desenvolver o financiamento privado.



Eu já mencionei que a BNDESPar tem várias modalidades de atuação, por participação acionária, ações, debêntures. É uma empresa extremamente flexível e tem como critério funcionar como uma empresa de mercado. A BNDESPar é uma empresa que tem todo o conjunto de instrumentos de fomento à inovação, desde os fundos de capital semente, e aqui é um fundo super bem-sucedido. Nós estamos caminhando para o segundo e terceiro fundos de capital semente. Temos, portanto, todo um elenco de fundos. Temos uma carteira de ativos que representam uma participação importante nos ativos totais do banco. É uma empresa que tem sido, e esse é um ponto muito importante, não bem compreendida.

A BNDESPar gera os seus próprios resultados. Ela não usa nenhum centavo de dinheiro do Tesouro Nacional ou do FAT. A BNDESPar gerou R\$25 bilhões de caixa nos últimos anos e ela realiza investimentos – obviamente, quando a Bolsa está mal, a gente não vende, não realiza, quando a Bolsa melhora, a gente vende e realiza. Ela é uma empresa lucrativa e geradora de caixa e que trabalha em termos de mercado, com critérios de mercado. Ela é uma empresa de mercado de capitais, moderna, que tem outra lógica. Muitas vezes, a gente vê editoriais equivocados falando que se está beneficiando terceiros com o dinheiro público. Não; esses são retornos obtidos pela atuação desse braço de investimento que é a BNDESPar.

Hoje a carteira total está valorizada – no fim do ano passado. Aqui, obviamente, há impactos de perda, porque há uma participação importante da Petrobras, da Vale, da Eletrobras, na carteira da BNDESPar. Também como agente público ela portadora da posição do Estado brasileiro nessas empresas, e a redução relativa de valor afetou a valoração de mercado, mas ela tem uma carteira expressiva e tem o apoio direto a 200 empresas. Obviamente esse apoio gira: à medida que as empresas amadurecem, a BNDESPar vende para investir em outras empresas e ela tem patrocinado fundos de investimentos com o mercado de capitais. Então, é uma empresa que tem um papel muito dinâmico no mercado de capitais.

De maneira muito rápida, há participação na geração de empregos. O BNDES tem tido um papel relevante na geração de empregos. O BNDES tem tido um papel relevante no apoio à formação de capital, e nós estamos em um momento em que a formação de capital vai começar a inverter, e é sempre assim. Nós, em geral, antecipamos: quando a gente cresce... Aqui, por exemplo, em 2009, a formação de capital estava caindo, o BNDES acelerou e, logo em seguida, a formação do capital retornou. Nós esperamos que, nesse primeiro trimestre, os próximos dados já mostrem uma forte recuperação da formação de capital antecedida pelo papel do BNDES.

Aqui, outra vez, o investimento agregado brasileiro em máquinas e equipamentos. Em grande medida, o BNDES tem um papel relevantíssimo no suporte ao investimento no Brasil. Aqui, aquele fato que já mencionei, o forte



crescimento dos enquadramentos no segundo semestre de 2012, que antecede... Aí é um indicativo importante da formação do capital. Daí a nossa expectativa que, nesse primeiro trimestre, os números venham amostrar uma forte recuperação da formação de capital no Brasil.

Vou concluir, Senador. Aqui há dados de mostras de aumento da demanda de infraestrutura. Tenho uma série de dados conjunturais interessantes. Aqui, temos aumento do investimento. Aqui, estão as linhas de crédito. Aqui, o aumento do investimento público nos últimos dois anos. Nós esperamos, em 2013, que o aumento do investimento nas principais fontes públicas aumente ainda mais. Aqui, estão as condições de crédito para o programa de logística, que já foram anunciadas e eu posso detalhar se houver curiosidade. Também o nosso papel no apoio às empresas de logísticas, e a recuperação da produção industrial no trimestre.

O IBGE anunciou ontem e eu queria sublinhar aqui. Este número aqui é a indústria agregada, que inclui a indústria de transformação e inclui a indústria extrativa mineral. A indústria extrativa mineral caiu 5%, a indústria de transformação subiu 1,5%. Aqui está indústria agregada. A indústria extrativa mineral caiu por paradas programadas da Petrobras e por um arrefecimento de produção mineral da Vale. Então, na verdade, são fatores conjunturais. O relevante é a recuperação da indústria de transformação no trimestre.

Aqui, uma importante recuperação nesse trimestre da produção dos índices de produção de bens de capital. Ainda uma recuperação insuficiente da produção de bens duráveis, que nós esperamos recuperar. Mas temos elementos para indicação de recuperação da produção industrial e alguns indicadores interessantes. Por exemplo, a recuperação da produção de ônibus e caminhões, nós já estamos nos aproximando do pico que tivemos em 2010.

Temos os índices aqui de recuperação muito fortes, não só de bens de capital para transporte, mas também de bens de capital em geral. O consumo aparente de bens de capital, neste trimestre, mostra uma força muito expressiva indicadora de que a nossa expectativa de evolução da formação do capital fixo no primeiro trimestre é muito forte. Anualizado, isso vai dar uma taxa de 20%; um crescimento muito forte.

A nossa expectativa, para o ano, de crescimento da produção de bens de capital distribuída entre equipamentos de transporte e máquinas é de 11%, um crescimento mais modesto da construção e dos investimentos agropecuários com um crescimento da formação de capital de até 8% neste semestre. Com isso, nós esperamos que, em 2012, o Brasil recupere o peso do investimento sobre o PIB.

Nós vimos em uma trajetória ascendente, essa trajetória foi cortada pela crise Lehman Brothers, foi feita uma recuperação, houve uma redução modesta, moderada, então, nós estamos em caminho de recuperar a formação de capital sobre o PIB este ano. Essa nossa expectativa se baseia na nossa carteira



de consultas, que é muito forte. Nós temos uma expectativa de R\$4 trilhões de investimento – aqui, não é só BNDES, inclusive a construção residencial –, mas há uma expectativa muito forte de investimento no quadriênio 2013/2016, totalizando quase R\$4 trilhões.

Finalmente, para concluir, esperamos ajudar o desenvolvimento do financiamento privado de longo prazo. Aqui, está a posição do Brasil em debêntures. Nós estamos muito aquém do potencial, tanto em relação ao total do crédito sobre o PIB como em relação ao total de debêntures sobre o PIB. Nós temos um mercado de capitais, um mercado acionário vibrante, mas precisamos desenvolver o mercado debêntures de longo prazo. Essa é uma agenda-chave para o desenvolvimento de infraestrutura.

Esperamos, Senadores, que a participação do mercado privado através de debêntures contribua de forma expressiva ao longo desse ciclo de investimento para compartilhar com o BNDES a carga crescente de financiamento de longo prazo de que o Brasil vai precisar. Nós precisamos financiar uma escala de investimentos. Nós vamos precisar agregar ao PIB mais quatro pontos de investimento ao ano. Isso significa mais R\$170 bilhões/ano a mais de investimento, e a capacidade para financiar esse grande acréscimo de investimento requer o desenvolvimento no País de mecanismos de compartilhamento com o Banco de Desenvolvimento, que não pode continuar sendo a principal e única fonte de financiamento de longo prazo. Então, nós entendemos essa agenda, somos copartícipes e ativos promotores e parceiros dessa agenda com o setor privado.

Por aqui, concluo a minha exposição, pedindo desculpas por ter me alongado além do previsto.

Muito obrigado pela atenção.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Agradeço ao Presidente do BNDES, Prof. Luciano Coutinho, e passo a palavra, primeiro, aos autores de requerimento.

A primeira inscrita é a Senadora Ana Amélia, mas eu pretendo dividir em dois blocos de Senadores. Temos nove Senadores inscritos. Então eu faria um primeiro bloco com a Senadora Ana Amélia. Depois, também, outro autor de requerimento, Senador Armando Monteiro; depois, outro autor de requerimento, Senador José Pimentel; depois, Senadora Vanessa Grazziotin e Senador Dornelles. Deixaríamos, então, o segundo bloco com o Senador Delcídio do Amaral, Senadora Kátia Abreu, Senador Cristovam Buarque e Senador Casildo Maldaner.

Passo a palavra para a primeira oradora inscrita, autora do requerimento, Senadora Ana Amélia.

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Caro Presidente Lindbergh Farias, eu quero cumprimentá-lo pelas iniciativas nesta Comissão que V. Exª está presidindo sucedendo um também talentoso colega Delcídio do Amaral. Eu queria



cumprimentar o Senador – pode ser futuro Senador – Luciano Coutinho, Presidente do BNDES, pela exposição feita.

Senador, eu tenho sempre uma visão muito regional. Acho que os gaúchos talvez tenham uma perspectiva muito bairrista. Lendo aqui o portal do BNDES, não encontrei praticamente nada do Rio Grande do Sul; em compensação encontrei quatro pedidos de empréstimos, Senador Casildo Maldaner, para Santa Catarina. Santa Catarina tem para Laguna, para um centro histórico, R\$4,7 milhões; um projeto de apoio tecnológico na agricultura de R\$3,1 milhões, de uma empresa privada de tecnologia. Há, também, uma parceria de acordo de cooperação na área da mobilidade urbana e R\$3 milhões de financiamento do Governo de Santa Catarina com o BNDES.

Então, a questão que eu lhe coloco é a seguinte: o que está acontecendo em relação ao Rio Grande do Sul? Esses empréstimos são falta de iniciativa do Governo do Estado ou mesmo do setor privado, que não está figurando aqui? Então, em relação ao Rio Grande do Sul, se V. Exª tem outras informações a me oferecer.

Ainda falando sobre o meu Estado, na última sexta-feira, no dia 3, mais de 373 empresas e instituições científicas e tecnológicas de 16 Estados, de 5 regiões do nosso País, inclusive o Rio Grande do Sul, se cadastraram no Inova Energia – V. Sª falou sobre isso. Trata-se de um projeto muito importante em parceria com a Finep e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para estimular a inovação no setor elétrico. A demanda para o setor é de mais de R\$12,3 bilhões, quatro vezes mais que o orçamento previsto para o programa. Qual será o critério para filtrar esses projetos até o próximo dia 23 de maio, e os que as empresas e centros de pesquisa do meu Estado, o Rio Grande do Sul, onde temos polos tecnológicos importantes de inovação como a Unisinos e a Tecnopuc podem fazer para garantir acesso a esses recursos nessa segunda etapa?

Eu queria, também, saber de V. Exª: o ex-Ministro, meu amigo, Delfim Netto disse, hoje, em uma entrevista ao jornal *Valor Econômico*, que o Brasil tem condições de crescer entre 3% e 3,5% ao ano, mas essa expansão não está contratada pelo Governo nem pelo setor privado. Eu lhe pergunto: quais os planos do BNDES para estimular essas contratações e garantir crescimento econômico robusto, ainda já neste ano e em 2014?

O BNDES aprovou, ontem, R\$300 milhões para a primeira usina de etanol de segunda geração no Brasil. Qual é a estratégia do banco, em 2013/2014, para o setor de etanol, considerando o atual cenário econômico? Nós estamos vendo, também, Presidente, uma situação de inflação de certo modo preocupante em relação ao impacto da inflação sobre os investimentos. Eu queria saber se há a estimativa de uma redução diante desse quadro da preocupação se a inflação poderia ser inibidora nesse processo.



No dia 15 de abril, o senhor anunciou que o BNDES apresentou um volume de R\$37,2 bilhões de desembolso, no primeiro trimestre de 2013, com alta de 52%, na comparação com o mesmo período de 2012. Quais as razões que o senhor aponta para esse desempenho? Essa tendência vai ser mantida ao longo deste ano?

Finalmente, eu queria dizer que gostei e apreciei de ver aqui no portal do BNDES uma operação, uma parceria do BNDES com o sistema de crédito cooperativo. As cooperativas de crédito são muito importantes no sul do País e, particularmente, no Rio Grande do Sul. O sistema Sicredi, Crehonor e outras cooperativas que operam. Então eu queria saber como isso vai se expandir.

Finalmente, entre as fontes de recursos do BNDES mostradas por V. S^a, eu queria saber qual é o peso que foi obtido mediante a emissão de títulos da dívida mobiliária do Tesouro Nacional e dos recursos captados no exterior; se existem fontes não convencionais e se V. Ex^a pode detalhá-las.

São as minhas questões.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Muito obrigado, Senadora Ana Amélia.

Passo para o Senador Armando Monteiro, que também é autor de um requerimento na Comissão de Infraestrutura. Esta é uma audiência conjunta das duas comissões.

O SR. ARMANDO MONTEIRO (Bloco/PTB – PE) – Eu queria saudar o Presidente Luciano Coutinho e dizer que é uma satisfação poder contar hoje com a sua presença aqui. Tenho, rapidamente, um conjunto de observações e, a partir delas, eu gostaria de ouvir do Presidente uma posição.

Nós sabemos, hoje, que o Brasil tem uma situação de preocupação em relação ao investimento. Quer dizer, foi demonstrado aqui na exposição do Presidente Luciano que a taxa de formação bruta de capital se situa entre 18%, 19%, o que não dá uma impulsão, uma força propulsora para que o Brasil cresça de forma sustentável a taxas mais elevadas.

Evidentemente, o desafio para elevar o investimento é elevar a poupança do País. Estruturalmente, essa questão da poupança esbarra em uma série de problemas, dentre eles a constatação de que hoje, com essa elevada carga tributária de um lado e com uma baixíssima capacidade de investimento do setor público que, de algum modo, utiliza os recursos que são transferidos do conjunto da sociedade, via tributos, para, de algum modo, sustentar os gastos de custeio, que são sempre crescentes e, neste Governo, especialmente nesse último período, a política fiscal vem sendo identificada como uma política expansionista em relação inclusive aos gastos de custeio, como o Presidente Luciano, que, além de tudo, é um economista que conhece e estuda os problemas do País, como o Brasil poderá, efetivamente, aspirar um crescimento, vamos dizer, que se alinha um pouco ao ritmo dos países emergentes que estão aí cada vez mais ganhando importância na economia internacional, se estruturalmente nós



temos essa dificuldade? Por outro lado, imaginar que a poupança externa pudesse ser uma fonte complementar significativa da poupança é algo que, de algum modo, também não está assim no horizonte.

Mesmo quando o Brasil tem anos muito positivos em relação ao ingresso de investimento estrangeiro direto, isso representa algo pouco relevante se considerarmos, por exemplo, que o Brasil precisa investir mais de 20% do PIB. Só isso representa quase algo equivalente a US\$450 bilhões por ano. Quando o IED é muito bom, isso representa 60%, 50%. Portanto, a poupança externa não tem ou não teria a força para complementar essa poupança. Então, eu sei que o desafio é encontrar novos mecanismos de financiamento ao investimento de prazo longo, como aqui já foi referido.

Essa questão da infraestrutura, que é tão desafiadora em relação à necessidade de modelarmos, por exemplo, a questão do *project finance*, que é e tem sido, no mundo inteiro, o modelo para financiar a infraestrutura. Então, a primeira questão é esta: como o Brasil poderia, com esses constrangimentos estruturais, elevar a taxa de investimento de forma mais significativa em um horizonte de um decênio, por exemplo?

A segunda questão diz respeito à indústria, a questão da indústria. Houve um interessante debate agora por ocasião do aniversário do *Valor* e o economista Bacha disse que a indústria precisa de um plano real, na medida em que ele identifica que a indústria de transformação no Brasil vem – e os dados são preocupantes – perdendo fôlego.

Veja, por exemplo, o déficit da balança de manufaturados. Se tomarmos, por exemplo, o período de 2006 até 2013, é impressionante como o déficit de manufaturados se elevou no Brasil, de algo como US\$6 bilhões para US\$94 bilhões num período curto. Então, a economia brasileira ainda é uma economia fechada, mas há um fortíssimo crescimento do coeficiente de importação nessa área das manufaturas.

O Presidente Luciano Coutinho sempre foi um estudioso da economia industrial. Indago – e há uma questão do esforço que precisamos promover na inovação, e o BNDES tem tido um papel muito importante nisso – como impulsionar a agenda da inovação, considerando que quem tem que ter protagonismo nessa agenda é a empresa brasileira, mas evidentemente esse processo não prescinde de instrumentos e de políticas de fomento e, então, o BNDES terá sempre um papel central.

Finalmente, a última questão diz respeito a essa crítica recorrente de que – e agora vendo aqui essa composição do *funding* do Banco Central, do BNDES – os recursos do Tesouro já representam quase 50% do *funding*. E há um dado interessante aqui: esses créditos que são concedidos às instituições oficiais representavam menos de 1% do PIB em 2008 e agora representam 9,2% – quase 10% – do PIB.



Nesse aspecto, alguns analistas exprimem uma preocupação: a solidez fiscal em face dessa dependência fica, em grande medida, atrelada também ao desempenho desses ativos e do retorno desses empréstimos em certa medida, porque, se os empréstimos não retornam, o banco não pode pagar ao Tesouro, pois isso está numa conta de empréstimos extraordinários. Portanto, isso pode afetar a própria solidez fiscal. Então, a responsabilidade do banco e das instituições oficiais é muito grande, levando em conta essa dimensão.

Seriam essas as questões. Ao final, Presidente, gostaria de adicionar algo que tem sido recorrente neste debate que é essa questão da eleição dos campeões, ou seja, a ideia de que alguns grupos nacionais foram identificados como *players*, e o BNDES teria – vamos dizer – de forma um pouco desproporcional apoiado essas empresas, sem que muitas dessas operações tivessem resultado e aumento de capital fixo, ou seja, de aumento da capacidade instalada do País. Algumas operações se destinaram mais à consolidação e reestruturação empresarial, não representando necessariamente um aumento do capital fixo e da capacidade instalada do País.

Eram essas as questões. Agradeço pela atenção.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Muito obrigado, Senador Armando Monteiro.

Antes de conceder a palavra à próxima inscrita, a Senadora Vanessa Grazziotin, anuncio que está presente o Deputado Federal Carlos Roberto, do PSDB de São Paulo.

Senadora Vanessa Grazziotin

A SRª VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco/PCdoB – AM) – Eu quero, Presidente Lindbergh, cumprimentar o nosso querido Luciano Coutinho, Presidente do BNDES.

Primeiro, destaco a evolução do banco. É preciso que esses dados estejam mais claros porque ultimamente o que...

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Não, Senadora, pode falar.

A SRª VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco/PCdoB – AM) – Não, eu abro mão. Imagina.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Senador Cristovam, depois da fala da Senadora...

A SRª VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco/PCdoB – AM) – Mas é que primeiro são os autores do requerimento. Para mim, não há problema nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Senador Cristovam, eu peço desculpas, mas, quando inseriram aqui, inseriram só os três. De fato, V. Exª é autor do requerimento. Depois da Senadora Vanessa, eu passo a palavra ao Senador Cristovam.



A SR^a VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco/PCdoB – AM) – Para mim, não há problema, Senador Cristovam. O senhor pode falar. Então, está bom. Vamos lá. Vou ser breve até em homenagem a V. Ex^a, Senador Cristovam.

Enfim, a gente tem ouvido muitas críticas, Presidente Luciano, ao BNDES, principalmente em relação à concentração da aplicação dos recursos, porque, na realidade é isto: o BNDES trabalha não só com recursos públicos, mas do trabalhador, da trabalhadora brasileira. Então, eu considero lógico que o banco procure o caminho de levar o financiamento para os pequenos, o que, de fato, vem fazendo. Eu penso que esse dado é relevante. Uma das maiores conquistas foi esse cartão do BNDES. É um cartão que não tem burocracia nenhuma. E aqueles que têm direito ao cartão são os pequenos e os microempresários. Vejo nisso uma conquista. Chegar aos níveis de 32% de desembolso para pequenas e microempresas não é pouca coisa. Eu penso que é uma conquista muito importante para a Nação brasileira e para os trabalhadores, aqueles que buscam, por via própria, encontrar o seu sustento. É um avanço sem dúvida nenhuma.

Outra crítica que a gente ouve – o senhor abordou muito bem – em relação aos financiamentos no exterior, inclusive requerimentos para saber quanto o Brasil gastou em Angola, investiu em Angola, na Venezuela. Eu tive a oportunidade, Presidente Luciano, de, semana passada, em Cuba, visitar a obra do Porto de Mariel, que também foi visitada por outros Senadores, inclusive o Senador Inácio Arruda, que aqui está. Trata-se de uma obra patrocinada não na totalidade, mas em grande parte, como o senhor mostrou ali na lâmina, pelo Governo brasileiro. E a gente sentiu, primeiro, como são importantes essas relações do Brasil com outras nações. Em segundo lugar, como isso gera benefícios para o país onde o recurso está sendo aplicado e para o próprio Brasil.

Segundo informações da Odebrecht, que é a empresa que constrói, a cadeia de geração de emprego no Brasil, Senadores, chega a mais de 130 mil. Todos os equipamentos utilizados na obra saem do Brasil. Isso é obrigação, de acordo com o contrato assinado. E eu penso que o resultado disso, Presidente Luciano, nós estamos colhendo. O que o Brasil conquistou, no dia de ontem, não foi pouca coisa: a Presidência da Organização Mundial do Comércio. E com que voto nós conseguimos e nós conquistamos essa presidência? Fruto da nossa política externa, da qual o BNDES faz parte. Portanto, quero cumprimentá-lo, assim como ao Governo, por essa iniciativa que eu considero muito importante.

Agora, Presidente Luciano, eu senti falta, na sua exposição, de o senhor falar, nem que fosse rapidamente, sobre o Fundo Amazônia, que é um fundo que o BNDES gera, é um fundo que tem recursos importantes canalizados para uma região de igual forma importante, que é a Região Amazônica, a qual necessita, como o Brasil todo, mas de forma especial, de encontrar o caminho do desenvolvimento sustentável, porque nós estamos tentando romper com a lógica: ou desenvolve ou não toca. Nós queremos desenvolver com preservação. E o



Fundo Amazônia pode dar uma grande contribuição. Então, queria que o senhor falasse um pouco e fizesse uma avaliação do desempenho do Fundo Amazônia.

Cumprimento-o também pelo fato, porque o fundo legalmente permite, do investimento não só no Brasil, mas nos países que compõem o bioma Amazônia. O primeiro projeto eu acho que foi aprovado recentemente. Eu tive a oportunidade de estar com o senhor. Gostaria que o senhor falasse isso. Isso é muito importante. São notícias boas para o Brasil.

Por último, queria que o senhor falasse mais, além do cartão, essa medida que, sem dúvida nenhuma, democratiza a liberação dos recursos em todo o território nacional, quais as outras medidas, Presidente Luciano, que o BNDES vem adotando no sentido de ampliar o desembolso de financiamentos para as regiões menos desenvolvidas do Brasil, para o Norte, para o Nordeste e para o Centro-Oeste, porque, enquanto o Nordeste – o senhor não mostra essa lâmina, mas a gente tem este quadro aqui – pegou 13% dos recursos, a Região Sudeste ficou com quase 50%.

Então, que medidas estão sendo adotadas? Eu sei que estão sendo adotadas. Esses índices se estão assim hoje, há 15 anos, eles eram bem piores. Eu não tenho dúvida nenhuma disso. Eles eram bem piores. Então, que medidas, que iniciativas estão sendo adotadas para melhorar o nível de regionalização desses desembolsos?

Era o que eu tinha a dizer, Presidente.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Muito obrigada, Senadora Vanessa.

Eu passo a palavra ao Senador Cristovam Buarque.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (Bloco/PDT – DF) – Sr. Presidente, nós não podemos trazer aqui uma figura com o passado de acadêmico, de político e com o papel tão importante de presidente de um dos bancos do mundo sem fazermos perguntas na maior quantidade possível. Queremos aproveitar a presença dessa figura que nós admiramos tanto pelo seu passado e pelo seu presente no banco.

Algumas perguntas que eu preparei eu já tinha – por isso que assinei a convocação – e outras podem vir da apresentação. Eu queria depois ler algumas matérias para ver como é que o presidente responde alguns comentários da mídia, até porque é uma oportunidade de responder pela televisão às críticas que são feitas. Então, eu vou ler as perguntas.

Primeira. Nós não podemos ficar limitados apenas ao lado quantitativo do PIB, mas também ao lado qualitativo do PIB. Qual é o impacto dos empréstimos do BNDES sobre a qualidade futura do PIB se aproximando de um PIB com produtos de alta tecnologia, baseado na economia do conhecimento? Esta pergunta pode ser feita de maneira bem direta: quantas patentes já nasceram dos empréstimos do banco?



Segunda. O banco, como qualquer outro, é uma atividade de risco. Com qual grande risco ou quais os riscos – não precisam ser grandes, porque presidente de banco não pode falar em grandes riscos de jeito nenhum – atualmente nos cenários de futuros o BNDES trabalha? Tanto o risco do ponto de vista de secarem as fontes nacionais, porque privadas, e internacionais, com a continuidade da crise, como também de risco para os beneficiados dos empréstimos.

Aqui aproveito a colocar uma que tem a ver com a apresentação e que foi o Senador Armando Monteiro que me chamou a atenção. A inadimplência com o BNDES é muito pequena. Mas a pergunta é se a inadimplência dos beneficiados com os bancos intermediários também é pequena. Agradeço ao Senador Armando e não sei por que ele não fez a pergunta.

A outra que eu teria o Senador Armando Monteiro perfeitamente, de uma maneira muito melhor, indagou, que é o problema que pode cair nas finanças públicas diante do comprometimento com o BNDES.

Outra é uma boa oportunidade, eu acho, para o presidente falar: quais são os resultados que se espera do BNDES Limited, que está em implantação? Eu sei que não há resultado, mas o que espera com essa estruturação, com a qual eu tenho a maior simpatia – devo dizer?

Outra pergunta dentro da apresentação diz respeito a isto que nós temos que nos orgulhar e parabenizar, Luciano, que é o aumento dos ativos, que multiplicou por cinco vezes, entre 2003 e 2012. Mas, quando a gente vê a apresentação do lucro, só aumentou 2,5%. Será que é porque estão amadurecendo ainda? Eu vou até citar os números: em 2003, a ativa era R\$152 bilhões; em 2012, R\$715. A evolução do lucro foi, em 2005, R\$3,2; em 2012, R\$8,2. Dava para a gente imaginar que haveria *pari passu* o aumento, a não ser que seja uma questão do período de maturação.

Mais algumas. Eu faço tantas perguntas em homenagem ao tamanho da figura que nós temos aqui e não só por ser pernambucano.

O Presidente Luciano mostrou um mapa que me impressionou muito, um expressivo mapa de apoio às exportações, relacionado com aeronaves e com infraestrutura. Especialmente o de aeronaves me impressionou bastante. A minha pergunta talvez seja mais ao economista Luciano: quando a gente pode ter um mapa desse com áreas do conhecimento, como já são as aeronaves, mas na área de telecomunicações, na área de informática, na área de que hoje somos usuários?

Ontem, eu falava aqui, em audiência com o Presidente da Anatel, Senador Lindbergh, que o Brasil tem em torno de 200 bilhões de telefones como este e não há um único criado no Brasil. A gente não percebe isso. Eu botei no Twitter: “E a gente não liga para isso”, e entenderam “não liga” do ponto de vista da comunicação, mas é não liga do ponto de vista da preocupação.

Estou terminando.



Há outra pergunta ao economista e companheiro de luta que, acho, pode nos ajudar: qual é a falta que o senhor, como Presidente do BNDES e como economista, pode dizer que sente da falta de uma boa educação de base no Brasil?

Eu faço a pergunta tendo em vista que esta é também uma audiência da infraestrutura. Eu tenho insistido – insistido não; falei para o Presidente Collor, e ele aceitou – em termos uma reunião – e tenho certeza de que o Senador Armando vai apoiar – para discutir educação na Comissão de Infraestrutura, porque, enquanto discutimos educação na Comissão de Educação, ninguém dá bola, mas, quando a gente começar a discutir na Comissão de Infraestrutura, vai dar. Então, é uma pergunta ao Luciano: qual é a falta que a educação de base faz hoje na dinâmica da economia brasileira?

Outra pergunta tem a ver com o que ouço e leio: qual é a real exposição do BNDES ao grupo X? Existe ou não existe uma exposição perigosa? É hora até de o Presidente falar.

Mais uma. Esta o Senador Armando já fez melhor do que eu. É quando o senhor coloca – e nós sempre discutimos aqui – a necessidade de aumentar o investimento, em que estamos esbarrando. O Senador Armando já fez apresentação.

Finalmente: nas operações que dizem respeito à energia alternativa e inovação, eu queria saber qual é o procedimento dessas operações. Como uma operação, no documento de contrato, encaminha para as fontes alternativas de energia? É procurando financiar novas empresas de fontes alternativas, empresas de criação e produção do equipamento? Como a gente sabe que o destinatário vai usar esse dinheiro casado com inovação e com energias alternativas? Quero dizer que gostei muito de ver e vi que está aumentando a participação dos bancos de maneira que, para mim, foi até surpreendente.

Finalmente, alguns comentários sobre algumas notas que vejo na mídia. Uma que diz que banco estatal nunca emprestou tanto, mas boa parte de seu crédito barato, em vez de estimular inovação, serve para grandes grupos fazerem mais do mesmo. Isso está na revista *Exame*.

Outra é: o BNDES já emprestou a uma companhia que é campeã de perder dinheiro, que é a LBR – também está na *Exame*.

Eu vou pular muitas coisas de que eu gostaria de ouvir para não tomar mais tempo.

Outra diz respeito à expansão do frigorífico JBS no exterior; o BNDES comprou R\$3,5 bilhões de debêntures da companhia. A *Exame* é muito dura, quando ela diz: “O despossuído contribuinte brasileiro virou coproprietário da maior produtora de carne bovina no mundo.” Quero saber se é verdade isso e se é positivo. Talvez seja positivo.

Mais uma: comparamos muito com a Coreia, e uma revista, acho que a *Exame* também, faz uma comparação lembrando que, na Coreia, eles não



davam empréstimos, algumas décadas atrás, para setores que não fossem realmente de alta tecnologia, de inovação. Cita até que a Samsung, que então era do setor têxtil, não recebia financiamento. Só começou a receber quando a Samsung foi orientada para o setor de eletrônica. E isso – está na revista *Exame* – deu resultados, porque essa participação dos bancos, obviamente coreanos, foi somada a um fortíssimo investimento em educação.

Eu creio que, com isso, cada empréstimo de banco estatal a uma grande empresa é possivelmente uma captação a menos no mercado de títulos; se é verdade ou não. E tem outras coisas. Falar de mastodontes. Mas eu creio, Presidente, que eu já fiz diversas perguntas. Mais do que deveria talvez.

Quero dizer da minha satisfação de tê-lo aqui. Meus parabéns pela a apresentação que foi feita, que deixa a gente com orgulho de uma instituição como o BNDES, mas com tanto orgulho que a gente fica preocupado. A gente fica preocupado e desejando melhora. Mais ou menos como a gente trata os filhos da gente: com orgulho, mas com preocupação. O BNDES é um produto filho do Brasil. Do Brasil que cresce, do Brasil que mostra sua cara. Por isso é que temos que fazer tantas perguntas para tentar ou responder aos críticos ou ter uma resposta a nós próprios. E muito obrigado por ter aceitado o convite.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Muito obrigado, Senador Cristovam Buarque. Eu passo a palavra imediatamente para o Senador Francisco Dornelles.

O SR. FRANCISCO DORNELLES (Bloco/PP – RJ) – Presidente Luciano Coutinho, eu, inicialmente, queria cumprimentá-lo pela política que vem adotando na exportação de mercadorias e serviços através de créditos feitos a governos e empresas do exterior.

A segunda questão que eu quero levantar é o relacionamento do BNDES/FAT/DRU. Os recursos do PIS/Pasep hoje se destinam ao FAT. E 40% ao BNDES. Então, 40% da arrecadação do PIS-Pasep seria do BNDES. A DRU está tirando 20% do PIS/Pasep. O que significa que, dos recursos do PIS/Pasep, em decorrência da DRU, 8% deixam de ir para o BNDES. Ora, no momento em que a União retira 8% da arrecadação do PIS/Pasep do BNDES, ela entra no mercado tomando dinheiro e empresta dinheiro ao BNDES. Então, um dinheiro que pertencia ao BNDES a custo praticamente zero – porque há uma remuneração pequena do FAT –, a União está tirando esse recurso do BNDES e, por sua vez, entrando no mercado emprestando dinheiro ao BNDES. Não está na hora de fazer uma modificação nesse caminho financeiro, desvinculando os recursos do PIS-Pasep da DRU?

A segunda questão que eu queria dizer a V. Ex^a é a seguinte – eu vou fazer essa pergunta a um dos mais competentes economistas do País, embora não seja diretamente ligada ao BNDES, mas aproveitando a sua presença aqui para nos dar uma aula sobre o assunto. Os números apresentados pelo Banco Central mostram um déficit na balança comercial do primeiro período de



US\$5 bilhões, quando o ano passado nós tivemos, durante o ano, um superávit de US\$20. Considerando o déficit da conta de rendas e serviço, nós tivemos no trimestre um déficit de US\$25 bilhões. No mesmo período do ano passado, o déficit foi a metade, e todo ele coberto pelos investimentos diretos. Esse ano, com US\$25 bilhões de déficit e somente US\$13 de investimentos diretos, ficou um buraco grande, coberto pelas contas financeiras. Como o Prof. Luciano Coutinho vê o quadro externo no ano de 2013? Como ele está vendo o desenrolar, principalmente num momento em que a queda de taxa de juros também pode encolher o investimento financeiro? Nós estamos esperando um déficit na balança de pagamentos em decorrência desses fatos?

E a última pergunta. Eu não poderia deixar de passar a sua presença aqui para nos dar uma aula: como é que o senhor está vendo as pressões inflacionárias no País? O quadro é difícil? O quadro é complexo? De onde estão vindo essas pressões? Como elas podem ser administradas? Qual a perspectiva sua e do banco para a inflação no ano de 2013?

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Senador Francisco Dornelles, muito obrigado.

Eu passo a palavra ao Senador Casildo Maldaner. Aí vou passar direto ao Presidente. Faltam poucos. Só estavam inscritos o Senador Casildo Maldaner e o Senador Delcídio, que não está aqui agora, neste momento. Então vou passar para o Senador Casildo Maldaner.

O SR. CASILDO MALDANER (Bloco/PMDB – SC) – Sr. Presidente, caro Presidente Luciano e demais colegas, praticamente, o que eu tinha ideia de colocar os colegas levantaram. A própria Senadora Ana Amélia, os Senadores Cristovam, Armando Monteiro e agora o Ministro Francisco Dornelles levantaram questões que estão embutidas, de uma forma ou outra, nessas ideias que eu estava querendo analisar.

Apenas para ser pontual, Presidente Luciano, quanto à demonstração do quadro, eu fiquei olhando mais nitidamente que o BNDES, em relação a outros bancos no mundo, teve, segundo a exposição, um lucro, um resultado que, embora não seja o maior, foi o mais destacado em relação ao KfW, ao CDB etc. Inclusive, a inadimplência do BNDES tem sido de 0,14, a do KfW 0,35, a do CDB 0,40. Para o resultado do BNDES ser melhor em relação a esses outros bancos grandes do mundo, tem alguma coisa a ver em função dos custos dos recursos? Vamos supor, muitos falam que o juro no Brasil é um dos mais altos no mundo. Isso é que tem ajudado o resultado? Ou é em função da inadimplência ser menor? Ou as duas coisas que ajudam o resultado? Apenas para dar essa clareada.

E, no mais, eu acho que está embutido no questionamento que os colegas já fizeram algum ajuste que poderia, aqui, suscitar.



No mais, quero cumprimentá-lo. Inclusive, ainda há poucos dias, em Santa Catarina, foi levantado, pelo Senador Luiz Henrique, que é uma coisa rara no Brasil – uma delas é o nosso Prof. Luciano.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Muito obrigado.

Eu chamo o Senador Delcídio do Amaral, que é o último inscrito. Ele está aqui na sala da Comissão. Seria o último.

Senador Delcídio do Amaral.

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Exatamente. Nós vamos, daqui a 15 dias, inaugurar, colocar aqui a foto do Senador Delcídio do Amaral. Vamos fazer uma solenidade em homenagem ao brilhante Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos.

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – Vou tirar uma fotografia arrumando um pouco meu visual, com uns retoques, não é?

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – V. Ex^a é chamado Antônio Fagundes do Senado Federal. *(Risos.)*

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – O rei do gado. *(Risos.)*

Eu queria cumprimentar nosso Presidente, Senador Lindbergh, nosso Presidente do BNDES, Luciano Coutinho.

Presidente Luciano, eu, primeiro, gostaria de registrar o papel que o BNDES tem desenvolvido no desenvolvimento do Brasil. Muitas vezes mal interpretado; muitas vezes questionado. E os números que foram apresentados aqui são extremamente sadios – inclusive, comparando o BNDES com outros bancos de desenvolvimento, como KfW, o Banco de Desenvolvimento lá da Coreia do Sul também –, a relação de empregados, o papel que o BNDES representa na economia brasileira, *vis-à-vis*, também, o desempenho de outros bancos de desenvolvimento que tem um percentual, sob ponto de vista de operações, muito maior que o BNDES pratica. Pra mim, são importantes as afirmações com relação ao papel que o BNDES desempenha na infraestrutura, na logística do Brasil.

Ao contrário do que alguns pensam, a carteira do BNDES é solidamente associada a grandes projetos e, portanto, a grandes empresas. Não poderia ser diferente, apesar das iniciativas do BNDES – está aí o cartão BNDES, o BNDES olhando também para as pequenas empresas. Mas o BNDES é fortemente ancorado em grandes companhias. E não pode ser diferente. Senador Lindbergh Farias, para fazer infraestrutura logística de rodovia, de ferrovia, de porto, de aeroporto, não pode ser empresa pequena – com todo o respeito que eu tenho pelas companhias pequenas, que geram emprego e cumprem um papel importante. Mas essa logística mais pesada, como também as indústrias de base, que foram citadas aqui pelo Presidente Luciano Coutinho, realmente o papel do



BNDES vai ser ressaltado especialmente no que se refere a projetos com esse tipo de perfil.

E quero também, Presidente Luciano Coutinho, concordar com V. Ex^a no que se refere não só a essas operações da indústria de base e infraestrutura, mas de exportações. Isso não é negócio para pequeno. Isso nos leva a desenhar ou a construir grupos que tenham organização, que tenham competitividade, especialmente para disputar os mercados lá fora.

Portanto, eu acho que as iniciativas que o BNDES tomou em setores importantes da nossa economia são absolutamente necessárias. Ocorreram distorções, ou podem ter ocorrido distorções, ao longo dessa implantação, mas o mérito é absolutamente louvável. A gente tem vários setores aí que precisavam de se reorganizar, com o potencial que o Brasil tem, para que eles realmente se projetassem. Eu vou dar um exemplo específico: o setor de carnes, muito questionado. Podem ter ocorrido distorções, mas evidentemente o Brasil não podia brincar numa área sensível. Em outras áreas também.

Portanto, o BNDES tem feito um trabalho excepcional. E foi uma bela notícia esta questão de uma diretoria internacional olhando negócios lá fora. Eu fui agora recentemente à África e vi a empatia que muitos países africanos têm com o Brasil – ao Sudão especificamente. E o papel que o Brasil pode desempenhar, porque os chineses estão tomando conta da África. Eu acho que o BNDES, a Embrapa...

E outro sofisma é dizer que o BNDES está gerando emprego lá fora. Muito pelo contrário. As empresas que estão fazendo essas obras são empresas brasileiras. Eu fui agora recentemente à Colômbia, aí foram citadas, inclusive, obras de gasodutos lá no Peru, Camisea, obras na América Central, em vários países. Isso é absolutamente precedente, porque, atrelado a isso, vem as empresas de construção, vem as empresas de engenharia – melhor dizendo –, vem as empresas de equipamentos. Portanto, é uma falácia dizer que isso é para gerar emprego lá fora, porque esses projetos todos estão atrelados a indústrias brasileiras.

Eu queria só fazer essas observações e parabenizar o Presidente Luciano Coutinho, a despeito de dificuldades, que são naturais, principalmente num banco do tamanho do BNDES e com o papel que o BNDES tem. Claro que ele é passível de discussões, debates, divergências, mas eu não tenho dúvida nenhuma de que ele está cumprindo seu papel e prestando um serviço absolutamente relevante para o País.

E encerro, Presidente Luciano Coutinho, também registrando a elite que o BNDES preparou sob ponto de vista de banco. Os funcionários do BNDES, a diretoria do BNDES é uma extremamente competente. E, portanto, eu acho que o Brasil, em função dos seus desafios, está muito bem. Está muito bem atendido. Não chegamos ao modelo alemão, mas nós estamos muito bem atendidos pelo quadro do BNDES e pelo que o BNDES tem feito hoje pelo país e pelo que fará.



Como disse o Presidente Luciano Coutinho, nós temos de aumentar quatro pontos percentuais nos investimentos. Só para registrar, as estatísticas dizem que os investimentos estão caindo no Brasil; nós estamos em quarto lugar, com R\$65 bilhões, pelos números que foram aqui demonstrados.

Mais uma vez quero registrar, Presidente Luciano Coutinho, a alegria de tê-lo aqui, na Comissão de Assuntos Econômicos, em reunião conjunta com a Comissão de Infraestrutura.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – O Senador Francisco Dornelles precisa de um minuto.

O SR. FRANCISCO DORNELLES (Bloco/PP – RJ) – Presidente, confirmando e ratificando o que acaba de ser dito pelo Senador Delcídio do Amaral, essa política do BNDES e do Governo brasileiro de exportar serviços através de créditos dados a países estrangeiros já teve ontem e anteontem uma grande consequência política, que foi a eleição do Embaixador Roberto Azevêdo para Diretor-Geral da Organização Mundial do Comércio, que é o cargo mais importante na diplomacia do comércio internacional. A sua eleição por países do terceiro mundo já foi uma decorrência desta política seguida pelo Governo de priorizar o relacionamento com esses países por meio de créditos de exportação dos bens e serviços.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – A gente ia passar para o Presidente do BNDES, Prof. Luciano Coutinho, mas chegou... Não, eu posso passar para ele e, ao final... Entendeu?

Mas antes de passar, Presidente, eu – ser Presidente da CAE é uma tarefa desafiadora, mas acaba também nos limitando muito no debate – queria deixar uma pergunta ao Presidente do BNDES, o Prof. Luciano Coutinho, que nós respeitamos e admiramos, sobre a sua avaliação do cenário econômico internacional e as perspectivas de recuperação da nossa economia em 2013. É uma pergunta simples. Não sei se a resposta é tão simples.

Agradeço a todos. Vamos passar, imediatamente, ao Presidente do BNDES. Mais à frente, passarei a palavra à Senadora Kátia Abreu.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Muito obrigado, Srs. Senadores, pelas perguntas muito qualificadas, pelo reconhecimento e pelo elogio feito à excelência dos quadros técnicos da instituição. Eu realmente considero um privilégio para o País a qualidade da instituição Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, a qualidade dos seus técnicos. Para mim, é uma honra ter tido a oportunidade de presidi-lo.

Queria começar respondendo às várias questões da Senadora Ana Amélia.

Primeiro, Senadora, em relação ao Rio Grande do Sul, tivemos, no ano passado, um valor expressivo de desembolsos, incluindo o setor público e o setor, totalizando R\$9,3 bilhões de desembolso ao Estado do Rio Grande do Sul, em função da pujança de sua economia, da recuperação da sua base industrial.



O Rio Grande do Sul tem uma base industrial em autopeças, em máquinas agrícolas, tem um polo petroquímico, tem uma indústria mecânica importante, tem uma indústria expressiva de mobiliário, tem uma indústria processadora de alimentos extremamente importante. Há vários segmentos importantes de bens de capital no Estado do Rio Grande do Sul. A reação no segundo semestre e, especialmente, o bom desenvolvimento da agricultura, a recuperação da venda de máquinas agrícolas favoreceu o bom desempenho.

Nesse primeiro trimestre de 2013, já desembolsamos R\$3,5 bilhões para o Rio Grande do Sul, um crescimento de 113% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Aí, há um peso importante apontando para o crescimento ao longo do ano. Há um peso importante da recuperação da venda de máquinas agrícolas, de implementos agrícolas, em que o Rio Grande do Sul tem uma participação importante, e também da produção de ônibus.

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. LUCIANO COUTINHO – Uma parte pelo Finame, uma parte operações diretas.

Em relação às operações com o Estado do Rio Grande do Sul, temos tido uma posição bastante ativa do Governo estadual. Os Programas PEF I e PEF II foram concretizados, estão totalmente desembolsados; executamos também um contrato da linha BNDES Estados de R\$ 1 bilhão, já contratado, com desembolso de R\$284 milhões; há um empréstimo importante para ampliação do saneamento à Corsan, de R\$415 milhões, com desembolso já em andamento; e, finalmente, no Programa Proinveste foram contratados R\$775 milhões com o Estado do Rio Grande do Sul, através do Banco do Brasil, com desembolsos em andamento.

Resumindo, são contratos que totalizam R\$2,9 bilhões para o Estado do Rio Grande do Sul, voltados para saneamento ambiental, infraestruturas logísticas, redes viárias, estradas, especialmente na parte mais carente do Estado, educação e segurança. Há um conjunto de iniciativas do Governo.

A Senadora mencionou Santa Catarina. Santa Catarina também tem uma carteira expressiva, mas uma parcela dessa carteira expressiva teve um efeito específico, que foi a mudança da legislação de ICMS em relação aos incentivos fiscais de importação portuária.

Nós fomos um canal para a composição dos interesses dos três Estados, os quais tiveram de abrir mão dos seus incentivos. Eu, com alegria, faço isso, porque, com isso, estou colaborando para o ajustamento de uma séria distorção que o País tinha, que era um sistema de subsídios à importação. Isso resultou em empréstimos especiais no Programa Propae para os Estados do Espírito Santo, de Santa Catarina e de Goiás.

Esses programas estão implementados, razão específica por que, neste momento, Santa Catarina tem uma carteira de empréstimos de grande escala, mas o Rio Grande do Sul não está mal. Além disso, Senadora, temos nos



preocupado muito em promover atividades intensivas em inovação tecnológica no Rio Grande do Sul, Estado que tem uma cultura inovadora, tem empresários arrojados no campo das novas tecnologias.

Recebemos com muita alegria essa forte demanda dentro do programa Inova Energia, da qual o BNDES faz parte. O BNDES e a Finep são agentes de um grande programa de Governo. Recebemos uma extraordinária demanda de R\$12 bilhões; separamos R\$3,5 bilhões. Recebemos uma demanda muito grande. Nós vamos examiná-la. Todas as grandes empresas brasileiras e internacionais do setor elétrico apresentaram demandas. Estamos muito animados. Vamos olhar com critérios estritamente técnicos – são comissões técnicas em que estão presentes cientistas, tecnólogos, pessoas das instituições de financiamento que têm conhecimento a respeito – e vamos selecionar os melhores projetos.

Se nós encontrarmos um grande número de projetos com grande mérito, a minha propensão é aumentar o orçamento, porque acho que, se o Brasil precisa de algo de maneira crítica, é de inovação tecnológica; acho que para inovação tecnológica não devemos poupar esforços. Mas é natural que recebamos uma grande demanda e que essa depuração procure selecionar aqueles projetos que tenham mais consistência ou que correspondam a necessidades mais urgentes e mais prioritárias para o País. Então, vamos olhar – não seremos só nós –, vamos participar das comissões técnicas, juntamente com os diversos Ministérios e especialistas encarregados. É uma avaliação estritamente técnica, até porque nos incumbirá, depois, financiar e queremos ver resultados.

A senhora falou do etanol de segunda geração. O BNDES e a Finep patrocinaram um programa de R\$3 bilhões de projetos de inovação em etanol de segunda geração, atraímos empresas brasileiras que estão coordenando projetos de inovação com parcerias internacionais extremamente relevantes. Espero que o Brasil possa dar um salto qualitativo e dominar as tecnologias para o etanol de segunda geração, o que pode significar um aumento de 40% a 50% na capacidade de produzir, usando a palha e usando os resíduos. Então, poderemos dar um salto de capacidade em etanol, sem plantar nada mais, ampliando o potencial enorme dessas tecnologias. É uma aposta que fazemos com muita convicção.

Temos também, Senadora, parcerias com cooperativas de crédito. Como disse – aqui aproveito para falar com a Senadora Kátia Abreu –, reforçamos a nossa cooperação com as cooperativas, os nossos programas de apoio às cooperativas; nós queremos aperfeiçoar a nossa capacidade de crédito às cooperativas. Estamos reforçando a nossa parceria com os bancos e com as agências estaduais de fomento, que conhecem de perto o sistema cooperativo.



Creio que a senhora perguntou também sobre os impactos da inflação. Como a senhora falou de inflação, o Senador Dornelles e o Senador Delcídio, eu gostaria de fazer uma avaliação única de inflação.

Senadora, temos um enorme apreço pela capacidade tecnológica. A senhora falou da Unisinos e da Tecnopuc. O BNDES está presente lá, apoiando projetos não só em tecnologias altamente avançadas de desenvolvimento de semicondutores e de informática. Além da presença do Ceitec, há iniciativas junto à PUC com a iniciativa privada, com tecnologia de ponta para o desenvolvimento dos semicondutores dedicados e iniciativas em automação e *softwares* de empresas privadas de ponta do Rio Grande do Sul, que devem ser preservadas. Isso é importante.

Até aqui se discutia ontem que, no equilíbrio no federativo, muitas iniciativas em tecnologias avançadas em várias regiões do País não sejam abruptamente deslocadas por uma modificação de tratamento tributário, incluindo outros setores. Então, é preciso atentar para isso.

Creio que respondi todos os seus pontos. Estou à disposição para...

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Sobre as fontes de recursos externos...

O SR. LUCIANO COUTINHO – Fontes de recursos externos. Mais ou menos 10% das fontes do BNDES são fontes de mercado, fontes em...

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Dez por cento?

O SR. LUCIANO COUTINHO – Dez por cento.

Fontes obtidas pela emissão de debêntures no País e captação de recursos no exterior. À medida que...

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – E os títulos imobiliários do Tesouro?

O SR. LUCIANO COUTINHO – Como?

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Dos recursos totais dos títulos...

O SR. LUCIANO COUTINHO – Os empréstimos do Tesouro ao BNDES representam hoje metade do *funding* do sistema. Foi esclarecido. Nós temos feito prestação de contas trimestralmente ao Senado Federal da utilização desses créditos do Tesouro Nacional ao BNDES. Tem sido feita a prestação transparente de contas desses recursos.

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Nesses recursos está o dinheiro do FAT também, Presidente?

O SR. LUCIANO COUTINHO – Parcela do FAT. Nas nossas fontes, o FAT representa hoje 23%; o Tesouro Nacional, 49%; o PIS/Pasep, antiga parcela anterior, 5%, depois via FAT. Nós temos, aí, depois, a emissão de debêntures, a emissão de captações no exterior e a contratação de empréstimos no exterior também a entidades multilaterais de crédito.



Esperamos que a taxa de juros possa vir a cair depois do controle do ciclo inflacionário no momento, porque o Brasil tem conseguido buscar uma convergência – estou falando a longo prazo. A longo prazo, à medida que consigamos convergir a taxa de curto prazo com a taxa de longo prazo, o BNDES poderá buscar recursos no mercado numa escala muito maior do que o faz hoje, graças à robustez do seu balanço e da sua excelência.

Segundo, o BNDES hoje já busca nos mercados, inclusive no mercado internacional, recursos em moeda estrangeira. A aplicação, porém, de recursos em moeda estrangeira é limitada pelo fato de que não queremos criar descasamentos cambiais no País. Não consideramos saudável, por exemplo, emprestar em moeda estrangeira para infraestruturas que faturam em reais, porque isso pode submeter a empresa a descasamentos de moeda.

Mas, à medida que a grande cadeia de petróleo e gás, que é uma cadeia dolarizada, cresça, nós poderemos emprestar mais em moeda estrangeira. Uma das razões para termos uma subsidiária no exterior, Senador Cristovam, é facilitar a captação de recursos no exterior para apoiar determinados setores que operam com moeda estrangeira no País. Ou para financiar exportação, exportações a partir do Brasil. Então, temos uma estratégia de *funding* adequada ao perfil de necessidades do investimento no País.

Senador Armando, obrigado pelas perguntas. V. Ex^a fez perguntas muito difíceis. As primeiras são perguntas mais gerais.

Compartilho com V. Ex^a que tem sido um grande objetivo do Governo buscar ampliar a participação do investimento sobre o produto nacional. Hoje, esperamos chegar a recuperar 19% e chegar a 23% ou 24% nos próximos anos. Significa agregar quatro ou cinco pontos de percentagem ao ano de novos investimentos ao País.

Isso significa também um grande desafio de aumentar a poupança nacional. Se formos financiar com poupança externa esse acréscimo, o nosso déficit em conta corrente que é hoje de 2% do PIB, ou um pouquinho mais de 2%... O déficit em conta corrente corresponde a um financiamento externo implícito, a uma tomada de dívida ou de capitais externos. Se, em tese, todo o acréscimo de investimento fosse financiado por poupança externa, o nosso déficit em conta corrente subiria de 2% para 6% do PIB, o que é algo insensato, porque exporia a economia brasileira às vicissitudes das mudanças de capital no mundo. Então, é um imperativo para o desenvolvimento nacional aumentar a poupança doméstica e aumentar a base doméstica de financiamento de longo prazo.

Bom, dito isso, de onde virá a poupança nacional?

Basicamente de três fontes fundamentais. Primeiro, das próprias empresas, e é no desenvolvimento de um sistema empresarial saudável e rentável, que realiza lucros, porque o reinvestimento de lucros é, em qualquer economia de mercado, uma das principais fontes de financiamento dos investimentos. A média internacional é em torno de metade; entre um terço e



metade. Nós estamos no Brasil entre 35% e 40%, mas acredito que, num ciclo de crescimento, a realimentação e o crescimento dos lucros empresariais são um fator muito saudável para o financiamento dos investimentos. É uma forma de criar poupança. Ao desenvolver o sistema empresarial e gerar lucro, nós estamos criando poupança para o País, e é uma forma inteligente de se criar poupança.

A segunda fonte de criação de poupança vem no estímulo ao desenvolvimento da poupança familiar, especialmente através dos poupadores institucionais, e me refiro aos fundos de pensão e aos fundos de seguro. Precisamos manter e ampliar os incentivos à formação de poupanças por parte das classes médias mais altas e das classes altas, e também criar incentivos para que as classes médias emergentes possam participar do sistema de poupança, até porque o sistema de poupança está associado à compra da casa própria e a outros mecanismos de financiamento.

Em terceiro lugar, é importante e fundamental aumentar a capacidade de poupança do setor público, e aqui compartilho os esforços do Governo de tornar mais eficiente a operação do Estado, para que ele possa, sendo mais eficiente, não gastar menos, mas gastar mais em investimento, gastar melhor; gastar com mais eficiência.

Temos de lembrar também, Senador, que uma forma importante de gerar poupança é a capacidade de o sistema de crédito adiantar no tempo a formação de poupança através da transformação de depósitos e de crédito em poupança.

Por que a China consegue ter níveis de poupança de 45% a 50% do PIB? Não é que a família chinesa ou o Estado chinês faça uma poupança prévia desse tamanho. É que, na China, cresceu fortemente o crédito de longo prazo realizado por seus grandes bancos públicos. A China tem oito ou nove grandes bancos públicos. Além do China Development Bank, há vários. Há o Industrial and Commercial Bank of China, o China Construction Bank, o Agricultural Bank, o Bank of China Limited (BOC), que não o banco central chinês. Enfim, há vários grandes bancos, que transformaram a base de depósitos em empréstimo de longo prazo. A diferença do sistema bancário chinês é que ele é um grande prestador de longo prazo. Esse empréstimo de longo prazo alavancou investimentos; é como se tivesse sido feito investimento com financiamento doméstico de longo prazo, que obviamente transfere para o futuro o pagamento dessa poupança, que vai ter de ser diferido para o futuro, porque, obviamente, esses créditos terão de ser honrados, terão de ser pagos. Então, é uma forma de antecipar a poupança.

Acredito que temos uma grande tarefa, que é ajudar a desenvolver um sistema de crédito privado de longo prazo, junto com o BNDES, para acelerar a formação de poupança doméstica de maneira que possamos, sim, financiar uma ascensão dos investimentos, especialmente investimentos de longo prazo para infraestrutura, e a infraestrutura tem uma característica especial: ela demanda prazos de maturação de projetos de 15 anos, de 20 anos, de 30 anos. Quando



estamos falando de uma grande hidrelétrica, quando estamos falando de uma ferrovia de grande escala, estamos falando de 30, ou até 35 anos, de prazos de concessão e de amortização dos projetos que demandam créditos de longa duração. Esse, portanto, é um papel de criar uma finança de longo prazo no País, que precisa ser construída.

Creio que o aperfeiçoamento do *project finance* é uma ferramenta importante e, nesse caso, o que temos de carente aqui é ter um sistema mais adequado de garantias, para uma série de imprevistos, especialmente nas etapas de construção de projetos que precisam ser aperfeiçoados.

Então, Senador, aqui temos uma belíssima agenda para o desenvolvimento do País, à qual temos buscado contribuir com sugestões ao nosso...

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (Bloco/PDT – DF) – Presidente, permita-me, em cima deste tema... Estou totalmente de acordo com sua análise, sua visão, mas não acha que a atual política econômica do Governo, de buscar incentivar o crescimento pelo aumento do consumo vai contra tudo isso? Quando a gente vê os gastos públicos voltados inclusive para aumentar o consumo através de uma folha crescente.

Segundo, o incentivo à venda de automóveis, de outros produtos, o que traz um bem-estar no presente, sem dúvida alguma, vai dificultar o futuro por uma redução da poupança.

Dito de outra maneira, a sensação que a gente tem é de que a política do Governo vai contra essa visão de aumento da poupança, e está comprometida, fez uma opção, pelo consumo imediato.

Eu não quero obrigar o Presidente a responder a isso.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Não, eu responderei com tranquilidade.

Senador, primeiro, o crescimento do consumo desacelerou. Há um processo de desalavancagem das famílias. Houve um ciclo de endividamento familiar forte em 2008, 2009 e 2010. Esse processo está num ciclo de desalavancagem. É um processo de desalavancagem lento. O consumo caiu, a velocidade do consumo já caiu. A velocidade de concessão de crédito às pessoas físicas, às famílias, pelo sistema bancário, em função do aumento da inadimplência, se reduziu. Na verdade, o ciclo de inadimplência começou a ser digerido, a inadimplência voltou a cair, mas não retornamos ainda a um ciclo de crédito ao consumo, como tivemos. Então, acho que, nesse sentido, estamos numa coisa moderada.

Em relação ao controle de gastos, gastos correntes, gastos de custeio, o Governo tem mantido um controle bastante razoável dos gastos com pessoal no setor público. O percentual relativo de gastos com pessoal está sob controle, assim como os gastos com o sistema previdenciário. De maneira que não vejo...



Acho que temos de buscar, e o Governo está empenhado nisso, melhorar o desempenho em relação aos investimentos públicos, o fato que está em curso. Não vejo da mesma forma que exista um... E, mais do que tudo, e nós veremos isso quando o IBGE anunciar... Tenho certeza absoluta de que nós vamos ver, já imediatamente, neste primeiro trimestre, uma inequívoca recuperação dos investimentos como fator propulsor do crescimento do Brasil.

Os investimentos já voltaram a liderar o crescimento brasileiro. Então, acredito que este debate está olhando pelo retrovisor e não está olhando para frente.

Esperamos ver uma recuperação muito forte dos investimentos.

Bom, o Senador Armando Monteiro fez várias perguntas sobre a indústria, que eu não vou responder. Depois, mandarei para ele, mas fez uma questão importante, em que, depois, o Senador Cristovam também tocou, que é o seguinte: haveria risco nos empréstimos ao BNDES para o Tesouro Nacional? A minha resposta é, com toda convicção: não!

Primeiro, pela capacidade e excelência do BNDES na sua concessão de crédito, com inadimplência baixíssima. Segundo, pelos resultados. Quando o BNDES apoia a formação de capital e amplia, por exemplo, a infraestrutura, amplia a capacidade produtiva, ele está ajudando a ampliar o PIB, ampliar a arrecadação e ampliar o desenvolvimento e a criação de empregos. Então, o efeito para as próprias finanças públicas ao longo do tempo é extremamente positivo. E não há risco de que esses ativos que o BNDES venha a formar, ativos de baixa qualidade, em função do rigor da aplicação com que o banco funciona... Dessa forma, a concessão de créditos com recursos públicos é tratada com extremo rigor.

Isso é absolutamente distinto das operações de mercado da BNDESPar. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, como já tentei explicar. A BNDESPar é uma empresa de investimentos, que gera receita, gera lucro e faz investimentos. Na grande maioria das vezes, com grandes resultados. Tem sido uma grande geradora de lucro para o banco. Pode incorrer em perdas. É natural. Não somos infalíveis, embora sejamos uma instituição reconhecidamente muito boa, inclusive e principalmente, nos resultados de banco de investimento.

O BNDES é um banco de desenvolvimento múltiplo; um banco de crédito de longo prazo; é uma agência de exportação; é um banco de fomento a pequenos negócios, através do cartão; é um banco de financiamento à agricultura, à formação de capital fixo na agricultura; é um banco, hoje, de apoio aos serviços; é um banco e tem também um banco de investimento dentro dele, que atua com critérios de retorno de mercado. Então, nesse sentido, ele é um banco também qualitativamente distinto dos outros bancos, porque, por exemplo, o Banco da China é muito grande, mas, basicamente, é um emprestador de longo prazo para a infraestrutura. É quase um monobanco. Já o KfW é mais um banco diversificado.



Mas o BNDES é um banco que tem múltiplas especializações. Não vejo risco e queria agradecer as perguntas.

A Senadora Vanessa fez perguntas muito importantes. Acolho as suas sugestões. Precisamos mostrar mais o nosso papel como financiador às pequenas empresas, ao impacto importante do financiamento externo. V. Ex^a havia levantado o mesmo que o Senador Dornelles. O papel do BNDES como agente de exportação do Brasil para esses serviços é muito relevante para a política externa brasileira, e nós somos aqui um instrumento público. O banco é um banco 100% do Tesouro Nacional. Então, somos uma ferramenta do Governo brasileiro.

O Fundo Amazônia é, para nós, motivo de grande orgulho. Já comprometemos o Orçamento da primeira rodada, estamos agora buscando novas doações, Já comprometemos mais de 600 milhões do fundo. Fizemos, Senadora, com muito orgulho – V. Ex^a foi uma das patrocinadoras da OTCA (Organização do Tratado de Cooperação Amazônica) –, iniciativa com países da Região Amazônica: Equador, Peru, Colômbia, Venezuela, as Guianas. Quer dizer, fizemos um grande convênio da grande Amazônia, pelo qual iremos, através do recurso do Fundo Amazônia, prover para toda a região serviços de controle e sensoriamento por satélite para controle do desmatamento, não só na Amazônia brasileira, mas em toda a Amazônia sul-americana. Esse convênio está implementado, foi assinado na Rio+20 e, agora, os recursos estão sendo desembolsados, os serviços estão sendo prestados, concretizando essa iniciativa de cooperação com a América do Sul.

Temos também, Senadora, planos de desenvolvimento para o Norte e Nordeste; especialmente em relação à Região Norte, precisamos olhar logísticas que tornem essas regiões mais competitivas. No caso da Amazônia, precisamos dar uma atenção – estamos mobilizados, até por orientação da nossa Presidenta – para agregar ao programa de logística um grande programa de hidrovias. Na Região Amazônica, é chave e pode ter um papel indutor muito relevante para o desenvolvimento da região

O Senador Cristovam fez muitas perguntas importantes. Quero agradecer as perguntas.

O Senador me fez um desafio de falar sobre o impacto qualitativo da atuação do banco, e digo que essa pergunta é muito bem-vinda porque é o que eu tenho dito muito dentro do banco nas nossas regiões de planejamento: que precisamos olhar menor quantidade e mais qualidade.

Precisamos ter mais apoio à inovação, induzir cada vez mais o setor privado a inovar. Temos feito isso com muita parceria. Temos que apoiar mais a sustentabilidade socioambiental, porque as coisas são casadas – a sustentabilidade e a inclusão social. Essa é a dimensão qualitativa, e temos de desenvolver ferramentas mais sofisticadas, temos de desenvolver nossa capacidade de, usando tecnologia de informação, como chegar ao



microempreendedor individual. É o nosso cartão, cartão muito voltado para a pequena empresa. Nós temos que pensar em como chegar mais perto, usando tecnologias.

O Senador me perguntou também o que nós esperamos com o BNDES internacional, com o braço internacional. Esperamos três coisas. Montamos um escritório em Londres com três objetivos. Primeiro: captar recursos e ter uma política de captação de recursos à medida que a gente tenha mais espaço para financiar em moeda estrangeira e conseguir recursos com *spreads* mais baixos e taxas mais baixas para as nossas linhas. Segundo objetivo: preparar uma equipe para gerir ativos de interesse do Brasil no futuro. Esperamos que, no futuro próximo, com a exploração bem sucedida do pré-sal, o Fundo Social, que em parte será em moeda estrangeira, em parte em moeda nacional, precise ser gerenciado. E alguém precisa se candidatar para ter um *accept management* competente. Então, eu quero ser uma das alternativas. Não a única, mas que o BNDES esteja preparado para ser uma alternativa para gestão de recursos, gestão de riqueza, gestão de patrimônio de interesse do País no exterior. Terceiro: nós precisamos também ter uma ponte de interlocução para atrair capitais e atrair investimentos principalmente para o grande ciclo de investimentos em logística no País, que vai precisar da liderança das grandes operadoras brasileiras, mas deve ter, por que não, o apoio de investidores, inclusive de investidores institucionais estrangeiros, que têm uma perspectiva de investimento de longo prazo. Os fundos de pensão, os fundos de seguro no mundo inteiro estão à cata de oportunidade de retorno alto. Então, esses são os objetivos que mais do que justificam que o banco tenha uma janela de interação internacional pequena, integrada às suas políticas. Essa é razão pela qual essa operação foi desenvolvida.

O Senador perguntou aqui em relação à inadimplência dos bancos intermediários. Nós temos uma preocupação muito grande e controlamos a inadimplência junto com os bancos intermediários. Por isso, nós temos certamente uma baixíssima inadimplência na nossa operação direta e também na nossa operação indireta, porque os bancos em parte assumem boa parte dos riscos. Mas eu queria sublinhar o seguinte: nós criamos uma ferramenta que está em desenvolvimento muito auspicioso, chamado Fundo Garantidor de Investimento. Nosso Elvio Gaspar, que foi diretor da instituição, foi um dos que moveram a criação desse Fundo Garantidor. Esse Fundo Garantidor está hoje, em parceria com os bancos privados, sendo uma ferramenta mitigadora de risco de inadimplência e uma ferramenta mitigadora de custo dos empréstimos às pequenas empresas nas operações do BNDES. E nós esperamos que o FGI e esse fundo possam se transformar numa ferramenta de grande escala que contribua para a redução do custo de crédito nas linhas de repasses especialmente quando os bancos repassam linhas de capital de giro às quais eles agregam *spread* às vezes não desprezível, que nos interessa reduzir.



Muito bem.

O Senador também perguntou por que proporcionalmente os lucros do banco não cresceram tanto. Eu quero dizer o seguinte: deliberadamente, Senador, nós viemos reduzindo os *spreads* do BNDES. Os *spreads* do BNDES já são mais baixos, há muitos anos já eram incomparavelmente mais baixos em relação ao *spread* do sistema bancário brasileiro como um todo. O BNDES já trabalhava com *spreads* na ponta muito baixos. Esses *spreads* objetivo do banco, que eram lá há cinco, seis, sete anos em torno de 3%, estão hoje em 1%. Quer dizer, nós reduzimos substancialmente os *spreads*.

Nós queremos fazer mais volume com *spread* mais baixo, porque, como banco de desenvolvimento, nossa função é, sim, dar lucro, é ser um banco lucrativo, mas não faz sentido também a gente ser fora do gráfico e, sendo um banco de desenvolvimento, ser um banco excessivamente lucrativo. Nós temos obrigação de transmitir para a sociedade e para o empresariado créditos a custos os mais baixos possíveis baseados na nossa eficiência. E nós temos sido um vetor que colaborou para a redução do custo do crédito Brasil por meio dos nossos repasses e por meio da nossa política de cooperação com o sistema bancário.

Então, essa é uma das razões. É a principal razão. A nossa carteira de crédito cresceu muito. Mas o nosso *spread* deliberadamente foi reduzido, o que significa que o banco continuará sendo um banco lucrativo. Nós vamos neste ano voltar a fazer um lucro expressivo, mas nós sempre temos essa atenção.

O Senador fez perguntas muito importantes em relação ao futuro. Por que é que o Brasil tem uma *performance* impressionante na exportação de alta tecnologia em aeronave e não tem em outro setor de tecnologia. Realmente, essa é uma parte da história da grande crise brasileira, a crise brasileira de hiperinflação nos anos 80, de diversos planos de estabilização e, depois, as dificuldades para consolidar o próprio Plano Real, com muita vulnerabilidade externa, com muitas crises. Nós tivemos a repetição de crises cambiais no Brasil, muita dificuldade.

O Brasil só se estabilizou e pôde crescer de maneira sólida depois que acumulou aqueles 200 bi de reserva, que hoje são 380 e que deram um colchão de proteção ao País e que nos deu horizonte para crescer. Esse é um fato recente. Esse é um fato de 2004 para cá. O longo período das duas décadas perdidas, das duas décadas e meia que o Brasil perdeu, de 1980 a 2004, esse foi um período difícil para o Brasil, quando, infelizmente, nós retrocedemos em função da alta instabilidade etc. e tivemos retrocesso em muitos segmentos que antes eram promissores em altas tecnologias. Nós tínhamos indústrias promissoras em equipamentos de telecomunicação, tínhamos indústrias iniciando em equipamentos de informática, nós tínhamos indústrias importantes em bens de capital especializado e tivemos retrocessos históricos. Está na hora de reconstruir. Nós precisamos reconstruir uma base industrial moderna, da terceira revolução



industrial. Temos agora que enfrentar o desafio de fazê-lo num mundo onde a concorrência é ainda mais acirrada em função da crise internacional, Então, o desafio é maior. E num momento em que todas as economias no mundo estão empreendendo políticas de fomento industrial disfarçadas ou não, algumas envergonhadas, mas são políticas industriais bastante proativas no mundo inteiro. Então, o nosso desafio aumentou.

Mas eu tenho a convicção e a confiança de que o Brasil tem oportunidades extraordinárias se soubermos conjugar as nossas fronteiras de crescimento. Poucos países têm um conjunto de oportunidades como o Brasil. Mas nossos problemas são ao mesmo tempo oportunidades.

Fazer um grande programa de investimento em infraestruturas gera necessidade de bens de capital e equipamentos. Fazer um grande programa em logística gera necessidade de material ferroviário, necessidade de caminhões, necessidade de equipamentos, que são oportunidades. Fazer um grande programa de investimento em energias, inclusive em energias renováveis, inclusive energia eólica, que tem sido destacada no nosso desenvolvimento recente, nos dá oportunidade de desenvolver aqui bases produtivas locais de fornecimento de bens e serviços, de bens de capital.

Então, com relação aos nossos programas e grandes programas de investimento nas logísticas, nós devemos olhar quais são as consequências para tirar proveito de suprir a partir do País equipamentos em bases competitivas, porque não é o nosso objetivo onerar com equipamento caro, mas, sim, utilizar em bases competitivas. Poucos países têm a oportunidade de ter uma fronteira de investimento em óleo e gás como nós temos. Por que não tirar proveito e usar de maneira inteligente conceitos flexíveis inteligentemente, conceitos progressivos para maximizar oportunidades de suprir a partir do Brasil bens, serviços, engenharia, equipamentos produzidos no Brasil, competitivamente para a cadeia de óleo e gás? Por que não fazê-lo? É uma grande oportunidade. Isso envolve sistemas de automação, isso envolve equipamentos, isso envolve tecnologia de informação.

Temos um grande desafio de melhorar a saúde. E temos hoje a faculdade de usar o poder de compra do sistema público, do sistema SUS, para poder comprar a custo mais baixo medicamentos, biofármacos, equipamentos de diagnósticos, testes, radioterapia produzidos no Brasil. Por que não fazê-lo? Temos oportunidade no complexo industrial da saúde.

Temos oportunidade, sim, em desenvolver tecnologias de telecomunicações e informação, de retomar. Perdemos muitas empresas. Mas nós estamos apostando em empresas brasileiras, em atrair empresas estrangeiras também para produzir no Brasil e retomar a produção que nós perdemos. Já tivemos produção expressiva de aparelhos de telefonia no País. Precisamos retomar.



Ou seja, Senador, eu acredito que nós temos muitos potenciais de remobilizar, de revitalizar, de conservar o que nós temos da nossa indústria e de revitalizar a nossa indústria em torno da oportunidade. E isso requer um trabalho paciente, um trabalho continuado, um trabalho persistente de fomento e de desenvolvimento tecnológico.

E aí V. Ex^{as} têm inteira razão quanto à necessidade da formação de recursos humanos. A base de educação é essencial. E eu diria que, no caso brasileiro, temos um tremendo desafio no que diz respeito ao estamento intermediário. Nós temos que melhorar no ensino superior e voltar o nosso ensino superior mais para as ciências exatas, ter mais engenharias, mais tecnologia e alargar essa base. E temos que alargar, no meio do funil, a formação de ensino técnico profissionalizante.

E daí eu quero registrar as grandes iniciativas do Governo, como o Pronatec, que é um programa nacional de ensino técnico, que quer multiplicar. E, nosso direto âmbito, mas sob a orientação do Governo, especificamente da nossa Presidente, nos estamos junto com o sistema Senai financiando o sistema Senai para que ele dobre de tamanho nos próximos ter anos. É uma iniciativa de grande escala, para dobrar o número de vagas e instalar em todos os Estados do País centros de tecnologia para dar assistência técnica à indústria e centros de inovação tecnológica feitos diretamente em parceria com o setor empresarial. Estamos abertos a expandir essa agenda.

Então, eu não tenho a menor dúvida de que essa é um agenda essencial para o Brasil, até porque, aí respondendo a uma outra questão que tem a ver em parte com inflação, uma das tensões importantes de custo sobre a indústria brasileira foi o aumento de salários. O aumento de salários é bem-vindo. Ele aumenta a distribuição de renda. É um fator dinâmico. Mas a demografia brasileira mudou muito rapidamente. A taxa de natalidade, a taxa de crescimento de população ativa caiu rapidamente. A pressão sobre o mercado de trabalho é crescente. Então, é absolutamente imperativo que o Brasil consiga retomar ganhos de produtividade muito mais altos e persistentes ao longo do tempo. Para obter ganhos de produtividade mais altos e persistentes, é preciso combinar iniciativas: mais automação, mais tecnologia de informação nas estruturas das empresas e mais qualificação do trabalho. Então, essa é uma agenda imperativa, é uma agenda imprescindível para o País, e o esforço de educação é um esforço indissociável do desenvolvimento do País. Então, nesse sentido, nós temos uma visão totalmente convergente.

Bom, sobre alguns pontos específicos, Senador, o senhor fez menção... Nós temos exposição ao grupo X, mas é uma exposição tranquila, porque está nos ativos de alta qualidade e tem excelentes garantias. Não temos preocupação em relação a isso. Já manifestei isso em outros momentos.

Em relação às críticas mencionadas, quero dizer que há uma incompreensão muito grande do papel da BNDESPar. Como já expliquei, a



BNDESPar gera seu próprio caixa, gera seus próprios resultados. Ela não usa um centavo de dinheiro subsidiado, nem dinheiro do Tesouro, nem dinheiro do FAT. Ela opera a critérios de mercado. Ela faz investimentos e tem feito investimentos extraordinariamente rentáveis. Uma vez na vida pode acontecer um insucesso. Faz parte da vida.

Foi feito, no caso específico, um investimento, que, aliás, não fizemos sozinhos, fizemos junto com investidores profissionais de mercado que nos trouxeram esse investimento... Aliás, foi em um período muito curto em que vários investidores importantes, não vou nomear, mas muitas empresas importantes entraram no setor de laticínios visando a expectativa de permitir um *up grade* no setor.

Aliás, esse é um setor que demanda uma atenção de políticas. É um setor que tem grandes cadeias no Brasil inteiro. A Senadora Kátia conhece. É um setor pulverizado no País. É um setor que demanda muito mais atenção. Deveria ter mais atenção. No mundo inteiro, a cadeia de laticínios é apoiada por políticas de subsídios públicos maciços, na Europa, e essas cadeias se estruturaram combinando grandes empresas integradoras com grandes cadeias fornecedoras familiares, com padrões de qualidade dos produtos extraordinários. Estamos muito aquém.

No nosso caso, o que nos motivou foi ajudar a produzir um salto de qualidade na organização dessas cadeias. Acho que o mérito nesse caso é importante até, porque os produtos lácteos são um componente importante da cesta básica brasileira e importante para melhoria da qualidade e do custo da nossa...

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Sr. Presidente, pela ordem. Gostaria de pedir permissão, se fosse possível, aproveitando...

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Senadora Kátia Abreu, deixe-me só falar o seguinte. Ele está respondendo um a um. Tem o Senador Francisco Dornelles, que é o próximo e que está esperando há um tempo. Depois que respondesse a eles, eu passaria para V. Exª e, depois, a gente encerra com o Presidente. Eles estão esperando há muito tempo. O Senador Francisco Dornelles está aqui desde o começo e é o próximo a ter as questões respondidas.

Sei que o Presidente está fazendo questão de responder ponto a ponto. Está sendo uma oportunidade muito boa para esta Comissão. Quero falar depois da riqueza dessa audiência pública aqui, mas, se pudermos, Presidente, ganharmos uma velocidade, agradeceria.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Vou abreviar. Desculpe, Senador.

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Presidente, é porque...

O SR. LUCIANO COUTINHO – Eu também provoquei a Senadora.

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Estou com quase 60 laticínios me aguardando para uma reunião. Quando o senhor falou em laticínios,



me atrevi a pedir para falar porque também preciso levar uma palavra para eles a respeito das perguntas que quero aqui fazer.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Leve a minha palavra de alento. Tenha certeza de que esse é um setor a que eu, pessoalmente, dou muito valor. Acho que o País precisa apoiar essa cadeia.

A SRª KÁTIA ABREU (Bloco/PSD – TO) – Vou aguardar para fazer as minhas considerações.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Para concluir, o desenvolvimento de grandes empresas de expressão internacional do País é parte do desenvolvimento de qualquer país.

Infelizmente, no Brasil, pelas 2,5 décadas perdidas, retrocedemos nas áreas de intensivos em tecnologia e não tivemos oportunidade de desenvolver empresas, com o exemplo, infelizmente, solitário da Embraer. Não é culpa de ninguém. Foi uma longa conjuntura de alta instabilidade por que o País passou que destruiu empresas nessa área. Mas os setores competitivos de *commodities* conseguiram ultrapassar esse período, até de uma maneira darwiniana.

Uma vez brinquei: Como escolhe? A gente não escolhe. Temos empresas que se destacaram pelo seu desempenho. Passaram por um período difícil e saíram dela como empresas líderes. Essas empresas foram apoiadas. Até brinquei: Sabe como a gente escolhe? Tem um consultor inglês que a gente contratou e que é espetacular. Ele escolhe para mim. Ele perguntou: “Quem é?” É o Charles Darwin.

Na verdade, são empresas sobreviventes. São empresas que, por um processo de seleção natural, tiveram a capacidade de ultrapassar um período muito difícil da economia brasileira, que foram essas 2,5 décadas perdidas, com crises de instabilidade. Essas empresas puderam se habilitar a esse processo.

Infelizmente, o universo de promoção dessas empresas é restrito. Não temos, infelizmente, outras áreas. Vamos construir para o futuro. Acho importante construir para o futuro, porque a internacionalização faz parte do mundo moderno. Em muitos segmentos, a competição é global, o jogo é global e quem não tiver empresas capazes de jogar esse jogo fica alijado e se torna apenas um consumidor de produto.

O Senador Dornelles fez uma provocação muito interessante. Agradeço, Senador.

Não é muito racional a incidência da DRU no PIS/Pasep, porque tem esse problema. Não sei da dificuldade de abrir uma exceção. Talvez a resistência venha da dificuldade de ter uma exceção, mas considero racional a sua sugestão. Quero agradecer-lá e vou levá-la como sugestão.

Compartilho também da preocupação com um eventual crescimento do déficit externo, do déficit em conta corrente. Acho que o Brasil não deve deixar uma expansão muito forte do déficit em conta corrente. Nesse sentido, há uma agenda importantíssima de recuperação de competitividade da indústria e dos



setores exportadores brasileiros. Precisamos dar importância, e temos lutado nesse sentido. O Governo criou o programa Reintegra, criou vários estímulos e várias iniciativas de redução de custo, de redução de custo de logística, de redução de custo de folha de pagamento, todos voltados para o aumento da capacidade exportadora e competitiva do País. É uma agenda extremamente relevante.

V. Ex^a também fez uma pergunta importante sobre a conjuntura inflacionária, aliás, outros Senadores também o fizeram. Acho que a conjuntura inflacionária brasileira é uma matéria específica de atribuição do nosso Presidente do Banco Central, do nosso Ministro da Fazenda, mas primordialmente do Presidente do Banco Central, de maneira que falo com muito cuidado a respeito disso.

Quero dizer que tenho absoluta convicção na capacidade de o Banco Central brasileiro manter sob controle a inflação. O próprio mercado já espera que, nos próximos meses, no segundo semestre, a inflação declinará. O mercado espera uma inflação de 5,7%, declinando dos níveis de 6,5%, hoje, para 5,7%. Isso é uma expectativa de mercado. Dependendo da eficácia das políticas, dependendo de uma contribuição mais positiva da safra agrícola e dependendo da conjuntura internacional, a desinflação brasileira pode ser melhor do que está. Que não pare a menor dúvida da disposição firme do Governo, sob o comando da nossa Presidenta, de que a inflação não escape do controle, de que a inflação seja mantida sob controle. Quero apenas reiterar aqui a minha confiança de que isso será efetivado e que esse é um ponto essencial para o crescimento de qualquer economia. A compreensão disso é inteiramente clara no Governo brasileiro.

O Senador Casildo perguntou sobre...

Também a mesma pergunta, Senador: de onde vem o resultado do BNDES? Não é do juro alto. É em grande medida da eficiência, porque conseguimos, mesmo reduzindo o *spread*, manter um nível elevado de resultados. No ano passado, R\$9 bilhões ou R\$8,2 bilhões ao ano foram resultados expressivos e, percentualmente, entre bancos de desenvolvimento, se comparam de maneira favorável.

O Senador Delcídio fez várias perguntas relevantes. Quero agradecê-lo. Acho que, de fato, vamos trabalhar para o desenvolvimento das infraestruturas.

Senador, desculpe-me. Estou à disposição. Quero agradecer mais uma vez.

A Senadora Kátia saiu. Eu estava com os dados dela aqui. Não sei se é o caso de, depois, algum assessor...

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Pode depois entregar.



O Senador Delcídio ainda está aí, Presidente. Tive que esperar as respostas. Os Senadores estão desde o começo. O Senador Francisco Dornelles tem um horário fixo de almoço, às 13h. Ficou até as 13h30 esperando, em respeito ao Presidente. *(Pausa.)*

Só tem a última do Senador Delcídio Amaral.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Ao Senador Delcídio, quero agradecer...

O SR. CASILDO MALDANER (Bloco/PMDB – SC) – Acho que ele aspira à Presidência do BNDES porque ele foi...

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – Aspiro a uma outra coisa. É no meu Estado.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Queria agradecer, Senador, as suas excelentes perguntas.

O Brasil tem a sua frente um grande desafio, além de energia e das indústrias de base: o programa de investimento em logística.

O Programa de Investimento em Logística vai ser apoiado por uma série de linhas especiais para rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. O BNDES está preparado para oferecer... As taxas já foram anunciadas, foram mostradas aqui na nossa apresentação. O BNDES está preparado para ajudar a financiar esse esforço, junto com outros bancos federais e junto com a emissão de debêntures de infraestrutura, que são incentivadas. Estamos buscando, através de iniciativas dos mercados internacionais, com *hold show*, mostrar essas oportunidades para investidores estrangeiros.

Queria sublinhar aqui que o Brasil tem uma série de vantagens. Primeiro, os gargalos representam demanda reprimida, o que significa que o risco de demanda das rodovias ou de aeroportos é muito baixo. Existe uma demanda pré-existente. Segundo, temos operadoras logísticas competentes. Temos um conjunto de empresas, que nesse momento estão um pouco especializadas em operar rodovias pedagiadas, em operar determinados nódulos logísticos, se requalificando e se repensando como empresas de logística integrada. Elas querem operar em todos os modais. Temos algumas poucas grandes empresas que já têm *performance*, já sabem como operar e podem ser líderes nesse processo de apresentar-se aos investidores internacionais como liderança brasileira para articular consórcios que possam disputar esses leilões de maneira muito ativa.

A nossa expectativa é que os leilões para as rodovias que virão no segundo semestre, os leilões para os aeroportos, os futuros leilões para os portos sejam muito disputados. Os leilões para alguns trechos ferroviários de maior densidade de carga, que serão os primeiros colocados à disposição, atrairão investidores. De nossa parte, estaremos de um lado oferecendo financiamento de longo prazo junto com outros bancos públicos e junto com o mercado e de outro lado nos interessa a agenda de fortalecer a estrutura de capital dos



empreendedores privados. Então, essa é uma dupla agenda que temos para o setor de logística.

V. Ex^a também sublinhou o mérito da defesa de que o BNDES apoie a internacionalização de empresas brasileiras. Já falei sobre isso mostrando que o Brasil tem empresas com mérito e valor importantes que devem ser sublinhados, primeiro, pela oportunidade de ter centros empresariais de decisão no País de empresas de expressão internacional, de expressão global; segundo, pela possibilidade de desenvolver centros de inovação e desenvolvimento de marcas brasileiras a partir dessas empresas – isso é um ativo importante –; terceiro, pela possibilidade de encorpar e fortalecer os fluxos de exportação, porque é sempre importante lembrar que hoje o comércio é liderado pelo investimento direto, comércio e investimento caminham juntos, o comércio não mais caminha só através da exportação clássica; e, quarto, ainda pela possibilidade da criação de valor com empregos de alta qualidade, com desenvolvimento de novos produtos, porque a internacionalização expõe a empresa à exigência de mercado de qualidade de desenvolvimento tecnológico benéfica para o próprio consumidor brasileiro. Esses são alguns dos méritos dessa política. Esperamos que ela...

Várias economias internacionalizaram suas empresas. A economia americana internacionalizou maciçamente as suas empresas depois da Segunda Guerra Mundial. As europeias se internacionalizaram nos anos 60. Nos anos 70, foi a grande onda de internacionalização de empresas japonesas. Nos anos 80, foi a vez das empresas coreanas. Nos anos 90 e primeira década desse século, vieram as empresas chinesas. Agora, temos as empresas da Índia se internacionalizando. O Brasil, como quinta economia do mundo, é natural que projete empresas de porte internacional. Isso, na verdade, não é algo que o BNDES fabricou. É uma consequência natural do desenvolvimento empresarial brasileiro. Todas essas operações foram feitas junto com o mercado, muitas vezes por iniciativa do mercado, não por iniciativa nossa. É, sem dúvida, nenhuma uma faceta natural do amadurecimento da economia brasileira o desenvolvimento brasileiro.

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – Sr. Presidente, só para registrar, na minha fala aqui...

Essa tela sobre indústria financeira brasileira, muito espaço para avançar a questão das debêntures, que o senhor citou. Temos um grande caminho pela frente. Essa relação debêntures/PIB é ínfima, se compararmos com a de outros países. Ao mesmo tempo, na relação créditos/PIB, o Brasil está bem para trás. Portanto, temos uma grande avenida pela frente.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Sem dúvida.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Se me permite, Presidente, inclusive em conversas e debates aqui na Comissão de Assuntos Econômicos, diversos setores empresariais falavam na necessidade da



simplificação das debêntures. Não sei se há um processo de estudo no Governo sobre o tema.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Sim. Estamos analisando, junto com o setor privado, iniciativas para a padronização. Estamos empenhados em fortalecer, para o investidor estrangeiro, garantias. Estamos estudando a possibilidade de criar condições mais seguras para o investidor estrangeiro, especialmente aquele investidor institucional que não é propenso a correr muitos riscos, especialmente no período de construção dessas infraestruturas. Com a infraestrutura tendo sido instalada, desempenhando e gerando de receita, vira quase uma renda fixa, mas, no período de construção...

Nós temos experiência de ter patrocinado mais de 400 projetos grandes de infraestrutura no Brasil. Sem dificuldade, o BNDES sabe como fazer isso. Estamos analisando cláusulas que protejam o investidor estrangeiro, cláusulas *cross default*, estamos analisando e temos feito uma interlocução muito ativa, inclusive no exterior, com investidores interessados, porque eu acredito que esse mercado vai ser a grande via de participação do financiamento privado de longo prazo; antes do crédito bancário, virão as debêntures.

O Governo, através da Lei nº 12.431, oferece incentivos importantes, zerando imposto de renda para essas debêntures. Então, são debêntures já incentivadas, e nós temos todo interesse, essa agenda, em ouvir o mercado e simplificar e facilitar a emissão desses papéis.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Presidente, eu quero agradecer...

O SR. CASILDO MALDANER (Bloco/PMDB – SC) – Pela ordem, Sr. Presidente.

Eu vejo que V. Exª já parte para o encerramento.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Exatamente.

O SR. CASILDO MALDANER (Bloco/PMDB – SC) – Eu queria só lhe cumprimentar, Presidente, já disse ontem que, embora jovem, é articulado.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Muito obrigado.

O SR. CASILDO MALDANER (Bloco/PMDB – SC) – Quero dizer ao nosso mestre Luciano que nós tivemos, na verdade, uma aula hoje profunda. Só que foi uma aula, eu diria, Delcídio, em que não houve recreio. Começou às 10h e agora são 13h35, não houve recreio, mas uma aula extraordinária. O professor Luciano foi duro e todos nós, os alunos aqui, em uma situação... Mas vale a pena! O Brasil ganha, nós ganhamos com esse debate, com essas questões nacionais principalmente no campo da economia e do desenvolvimento. Foi muito importante.



O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Senador Casildo, eu queria encerrar falando sobre isso. Sou Senador aqui há dois anos e quatro meses nesta Comissão de Assuntos Econômicos...

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – Sr. Presidente, eu queria saber só os prognósticos do Presidente Luciano...

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – A minha resposta ele não... (*Risos.*)

O SR. LUCIANO COUTINHO – (*Fora do microfone.*)

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – Os prognósticos da economia, uma vez que ele tem uma opinião muito abalizada sobre esses sistemas também.

O SR. LUCIANO COUTINHO – Olha, Senador, para ser muito econômico, a nossa expectativa é assim: a economia americana vai marchar moderadamente este ano, em torno de 2%. Poderia ser melhor, mas a pressão que os republicanos exercem e manietam um pouco a iniciativa do governo não permite um crescimento mais firme, mas vai crescer. A China desacelerou, mas é um crescimento que vai estar entre 7,5% e 8%. Nós temos que olhar isso com muito cuidado, porque ela tem um impacto importante sobre o preço das nossas *commodities*, pode ter um impacto aqui importante, mas vai crescer e ela é um dos fatores importantes para o nosso futuro. O Japão está em um processo muito interessante de recuperação, está praticando uma política monetária muito agressiva de expansão de moeda e crédito para recuperar algum crescimento. A área de estagnação no mundo vai continuar sendo a Zona Euro, é uma área mais difícil onde os problemas continuam se resolvendo com muita lentidão, mas eu não antecipo nenhum grave acidente na Zona Euro, que signifique um repique de volatilidade, de crise. Acho que os problemas vão devagar, mas vão tendendo a se resolver dolorosamente, mas vão tendendo a se resolver.

Nesse contexto, a expectativa é que o comércio internacional melhore um pouco. Não é brilhante, mas eu quero lembrar que, no ano passado, o comércio internacional foi fraquíssimo, no ano anterior também. Isso prejudicou o nosso desempenho exportador. A nossa expectativa é que haja alguma melhora no comércio internacional. O comércio internacional crescendo em torno de 4,5%. Lembremos que antes da crise crescia 14%, 15% ao ano. Que cresça 4,5%, 5%, vai ser de bom tamanho, melhora um pouquinho as nossas perspectivas.

Para o Brasil, eu estou confiante que estamos recuperando o ciclo de investimentos, que vamos ter um crescimento de 3,5%, pelo menos, este ano. Vamos lutar muito, nós, para dar consistência a um ciclo de investimentos duradouro que seja capaz de fazer subir a taxa agregada de investimento do País, levando, nos próximos anos, o investimento a liderar o processo de crescimento no Brasil.

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – E inflação, Presidente?



O SR. LUCIANO COUTINHO – A inflação (...)

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Com o Banco Central.

O SR. LUCIANO COUTINHO – É, com o Banco Central e vai ser colocada sob controle.

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Olha, eu agradeço muito Presidente.

Eu estava falando antes aqui, Senador Delcídio, que eu estou nesta Comissão há quase dois anos e meio e difícil ter havido uma audiência pública em que o expositor discorreu não só sobre o BNDES, sobre a economia, sobre o Brasil. Dá um grande orgulho, como Presidente desta Comissão, ver um servidor público com essa capacidade, um grande intelectual. Eu lamento que alguns Senadores da oposição, que colocam sempre o BNDES no centro dos seus debates e discussões não tenham vindo e aproveitado esta oportunidade. Mas, como nada acontece por acaso, talvez tenham ficado inibidos de participar deste debate com V. Ex^a.

Eu quero parabenizá-lo. Recomendo à Secretaria a reproduzir as notas taquigráficas, que quero entregar a todos os Senadores desta Comissão, porque, de fato, foi uma exposição muito rica e muito vasta sobre vários aspectos do nosso País. Esse imperativo de aumentarmos os nossos investimentos passam pela poupança nacional. V. Ex^a aqui discorreu aqui com profundidade, então, agradeço muito.

Antes de iniciarmos a reunião, proponho a dispensa da leitura e a aprovação da ata da presente reunião conjunta.

Os Senadores que concordam permaneçam como se encontram.

(Pausa.)

Aprovada.

Comunico que amanhã, dia 9, às 9h, será realizada audiência pública conjunta com a Comissão de Assuntos Sociais e Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, para a apresentação do relatório das atividades de 2011 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em atendimento ao disposto na Resolução do Senado Federal nº 4, de 2013.

Comunico que na próxima...

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – V. Ex^a é quem vai presidir essa audiência pública?

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Não, não vou, não. Quem vai presidir é o Presidente da Comissão de Assuntos Sociais. Mas se V. Ex^a quiser novamente...

O SR. DELCÍDIO DO AMARAL (Bloco/PT – MS) – Eu respeito a hierarquia.

O SR. CASILDO MALDANER (Bloco/PMDB – SC) – É que o Presidente Lindbergh tem um roteiro no Rio e...



SENADO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DA MESA
SECRETARIA DE TAQUIGRAFIA
SUBSECRETARIA DE REGISTRO E APOIO A REUNIÕES DE COMISSÕES

SF - 50

CAE/CI (4ª Reunião Conjunta)

08/05/2013

O SR. PRESIDENTE (Lindbergh Farias. Bloco/PT – RJ) – Não; estarei aqui, mas não vou...

Na próxima terça-feira, vamos ter reunião deliberativa às 9h30 e, às 11h, vamos ter audiência pública com a Presidente da Petrobras, Srª Maria da Graças Foster; na próxima terça-feira, às 11h.

Nada mais havendo, declaro encerrada a presente reunião.

(Iniciada às 10 horas e 28 minutos, a reunião é encerrada às 13 horas e 41 minutos.)